

HA' autores que variam seus temas como que á procura daquele que melhor molde apresente á propria expressão. Outros voltam permanentemente ao mesmo assunto, insatisfeitos sempre com as soluções encontradas, mas ansiosos por melhor se compreenderem através da obsessão temática. Paulo Dantas (*Cidade enferma*) é destes últimos: a frustração vital do tuberculoso empolga-o e lhe dita há anos repetidas paginas, algumas de fato comoventes.

Em sua novela "*As aguas não dormem*" ele analisava o caso de um jovem doente tomado de verdadeira obsessão sexual. Agora é o quadro da miséria humana nos sanatorios pobres de Campos de Jordão que Paulo Dantas nos pinta. Num e noutro trabalhos o problema sexual ocupa o principal lugar, só que em "*Cidade enferma*" a complexidade dos casos se evidencia melhor.

Quer parecer-me que ao autor, ainda jovem, falta a possibilidade da evasão de si proprio e assim a análise psicologica sofre um desnivelamento proporcional á invenção das personagens. Em outras palavras, sempre que o autor sai fora de seus heróis prediletos, e se exclui até certo ponto da narrativa, verifica-se uma perda de substancia. Por isso ao lado de homens que evoluem — e vivem — no romance, outros mal se esboçam. E o que o autor perde então em profundidade, perde igualmente em estilo. A adjetivação afrouxa nesses momentos, a simplicidade torna-se insuficiência, a precisão desaparece, as observações são menos agudas. Falta, igualmente, ao livro, uma ligação bastante forte, isto é, uma unidade de ação que amare uns aos outros os diferentes pequenos quadros impressionistas. Tem-se a impressão de que o imenso material acumulado não foi desenvolvido como necessario. Desse modo, em vez de um romance vemos diante de uma serie de embriões de novelas ou contos.

Não sei se o autor quis ficar dentro desse objetivo e não lhe censuro portanto a realização. Aliás é a historia o que menos importa nesse livro sincero. O que nele se realça é a simpatia humana, a comunhão do autor com os condenados de Campos de Jordão. Ninguém permanece indiferente diante do caso de Ricardo Manso agonizando em seu porão sob o olhar aborrecido da mulher. Ninguém deixa de se comover com o ceticismo amargo de Victor Serra, o escritor viuvo e bebedor. Ninguém esquece Léo Alem na sua difícil peregrinação.

Não creio que Paulo Dantas



"Mulheres espanholas" — MARIE LAURENCIN

DOIS ROMANCES

SERGIO MILLIET

abandone o tema da tuberculose para tentar outros caminhos. Creio, isso sim, que nos dará mais um romance da montanha magica, aproveitando agora as experiencias precedentes.

José Mauro de Vasconcellos vem há anos se dedicando ao romance realista. "*Banana Brava*" e "*Barro Blanco*", seus primeiros livros entusiasmaram muitos criticos e, de fato, revelavam qualidades excepcionais.

O autor, muito moço, porém, carecia de penetração psicologica e, por outro lado, andava por demais obcecado pelas possibilidades cinematograficas dos temas. Por ter sido dos que mais acreditaram no romanceista, fui também dos que menos o elogiaram. Antes apontei, com uma rude franqueza aquilo que me pareceu defeituoso e corrigível. Há defeitos que fazem parte do temperamento. corriji-os para modifi-

car a personalidade do escritor, e até sua propria razão de ser. Não vejo um Jorge Amado escrevendo com correção e elegancia... Mas há defeitos que decorrem tão somente da inexperiencia, da imaturidade. Havia-os nesse grande escritor Herberto Salles, que tão bem soube depurar-se. Havia-os nesse jovem de muito talento, autor de "*Barro Blanco*".

"*Vazante*", que nos dá agora, surge em condições de realiza-

ção bem diversa de seus romances anteriores. Antes de mais nada uma contenção vocabular e sintaxica de muito bom agouro. A seguir um cuidado meritório na análise psicologica, a qual se não é ainda perfeita não choca o leitor, apesar do esquematismo de Nina e de certos traços convencionais no caráter do Doutor. Mas Diogo, o delegado, é de carne e osso, a freira Irmã Flora bastante humana, os outros suficientemente misteriosos para que desempenhem razoavelmente seus papeis.

Um denominador comum existe para os três romances de José Mauro de Vasconcellos: a preocupação com o aproveitamento em película. Não se trata, diante de uma tal insistencia, de um defeito. Trata-se de um genero voluntariamente adotado. E se esse é o desejo do autor, pelo criterio do valor cinematografico deve-se julgar-lhe a obra. "*Vazante*", desse ponto de vista é convincente. Nada lhe falta: nem o cenário, nem o interesse do enredo, nem a felicidade e a concisão dos dialogos. Bem que assaz explorado, o tema do homem perdido na solidão do clima tropical, com a deliquescencia decorrente da reintegração do individuo em um mundo hostil e avassalante a um tempo, permanece fecundo.

Há muito que tirar dele ainda e, sobretudo, muito que evitar dos antigos erros ou excessos.

A remissão dos pecados faz-se pelo fogo (suicídio das prostitutas embebidas em querosene — ver a proposito "*os suicidios em S. Paulo*", de Roger Bastide) ou pelo aniquilamento na volta á terra-mãe (símbolo freudiano). Desde sempre se povoaram as inóspitas colonias com a desesperança dos degredados ou dos que a sociedade desiludiu. Aventureiros e místicos, bandoleiros e suicidas, tiveram a uni-los nas selvas e nos pantanos a idéia de uma possivel redenção. Os personagens de "*Vazante*" assim se apresentam. Mas a terra come tudo e tudo digere. Os que não se destroem fisicamente a seu contacto, por um fenomeno de mimetismo moral a ela se identificam. Dauro não é um simples caçador de presos evadidos: ele é o proprio pantano, funcionalmente traiçoeiro. E Cesario não deve ser compreendido como o feiticeiro da ilha, porque na realidade é a ilha toda, com seus misterios, suas lendas, suas determinantes cósmicas. Nessa unidade ecologica heroica e meio em perfeita simbiose) parece-me residir a mais bela qualidade de "*Vazante*", que eu saúdo como uma realização do autor e não mais como uma promessa.

PANORAMA LITERARIO

Malaparte protesta



Malaparte é decididamente um nome que gosta de criar casos e fazer barulho. Ainda agora o seu nome vem sendo citado nos jornais franceses, a propósito dos prêmios concedidos aos melhores filmes no festival de Cannes. Malaparte protesta contra a atitude dos juizes franceses, acusando-os de se deixarem influenciar pelos americanos e os ingleses, não lhe dando o prêmio para o filme "Cristo interdito" com que o escritor concorreu no certame.

"Crivello"

Na Itália recebemos os números 1 e 2, ano III, da revista de arte e literatura, "Crivello", que se edita em Nápoles, sob a direção de Stefano Capone. Os números em questão trazem, entre outras, colaborações de Lino Galli, Franco Riccio, A. Mario Moriconi, Mario Rovani, Stefano Capone, Grazia Schiavone, Mario Vitale, Raffaele Corso, Antonio Basile, M. T. Cristofano, Lia Laganà, etc.

"Paisagem" n.º 4

Está circulando o 4.º número de "Paisagem", suapítica revista de cultura de Rio Bonito, Estado do Rio, que obedece à direção de Moraes Filho e é redatorizada por Hélio Nogueira.

"Revista Branca" e o teatro

"Revista Branca", órgão de novos escritores, que até hoje se dedicava à crítica, poesia e conto, compreendendo a dificuldade que encontram para divulgar ou publicar suas peças os autores novos, resolveu publicar, a partir de seu número de 3.º aniversário, peças em um ato de dramaturgos inéditos. Os interessados devem enviar seus originais para a Redação da "Revista Branca" à Rua Santa Luzia 732, sala 1105 - Rio.

Sociologia Educacional

As Edições Melhoramentos fizeram a segunda tiragem de "Sociologia Educacional", de Fernando de Azevedo, obra que honra a nossa cultura e enriquece, com destaque, a nossa pedagogia. A parte final insere magnífica bibliografia, do maior interesse para professores, alunos e estudiosos em geral dos problemas da inteligência ligados, duma ou outra forma, à "Sociologia Educacional".

Suplemento literário do "Correio Paulistano"

Segundo se anuncia, o "Correio Paulistano" publicará, dentro em pouco, um grande suplemento literário, em formato tabloide, em que reunirá os valores mais representativos das letras bandeirantes, como Pericles Eugênio da Silva Ramos, Carlos Burlamaqui Kopke, Domingos Carvalho da Silva, Reynaldo Bairão e outros.

João Gaspar Simões esteve em Londres



O ilustre crítico português João Gaspar Simões, nosso colaborador, esteve recentemente em Londres, em viagem de recreio e estudo, já havendo, porém regressado a Lisboa, onde reside no aprazível suburbio de Cascais. Por esse motivo, deixou de figurar, domingo ultimo, em "Letras e Artes", a sua colaboração sempre tão apreciada.

Arte e Literatura

Acha-se em circulação o número de Junho de ARTE E LITERATURA, Suplemento da "Tribuna de Petrópolis", que é dirigido pelo dr. Guilherme Auler, apresentando o seguinte sumário:

"Petrópolis em 1848 — Relatório do Tenente-Coronel Galdino Justiniano da Silva Pimentel, diretor da Imperial Colônia de Petrópolis (Documento n.º 5501 do Arquivo da Casa Imperial); Resumo estatístico de Petrópolis em 1848 (Documento n.º 5502 do Arquivo da Casa Imperial); Despesa da Imperial Colônia de Petrópolis em 1848; O hospital de Petrópolis em 1848; A instrução em Petrópolis em 1848; No centenário do Rei Dom João V, por Luís Chaves; Versos de Araújo Filho, por Jordão Emerenciano; Primeiros batizados em Petrópolis, por José Kopke Fróes; Carlos Chambelland, por Carlos Oswald; Notinha sobre o Prof. Mario Nunes, por João Vasconcelos; Visconde de Monserrate, pelo Cel. Laurento Lago; Carneiro Leão, por Rui Vieira da Cunha; Tempos Idos, por Pedro Moniz de Aragão; Desolação, poema de Napoleão Figueredo; Prêmio Sul-América de 1951; Luar de Lágrimas, poesia de Bruno de Menezes; Homenagem aos colonos de Petrópolis, no 106.º aniversário da sua chegada — Lista dos colonos, divididos por Quarteirões e classificados os seus prazos, organizada de acordo com as escrituras da Imperial Fazenda e da Mordomia da Casa Imperial; A administração da Imperial Colônia em 1848; Fotografias de alguns casais de colonos: Sixel, Monkem, Nicolay, Cristovam Schaefer, João José Brueck, Teodoro Schaefer, etc.

Copeau e o Vieux-Colombier



Em função da personalidade de Jacques Copeau, Maurice Kurtz acaba de escrever a história do Vieux-Colombier num livro "Jacques Copeau, biografia d'un theatre". Mostra-nos ele de como o grande ator pretendeu combater, nessa pequena e famosa casa de espetáculo, o chamado teatro de "boulevard" e qual foi o resultado da luta que empreendeu. Um livro que focaliza uma das mais audaciosas e sinceras iniciativas da arte dramática francesa.

Correio literário de Portugal

Andrée Crabbe Rocha, esposa do conhecido escritor Miguel Torga, é uma ensaísta de primeira qualidade, tendo já escrito dois trabalhos notáveis, um sobre Flávio e outro sobre Garret. Seu ultimo livro, muito bem recebido pela crítica, intitula-se: "Aspectos do Cancionero Geral".

"O Poeta" intitula-se o novo livro de poesias de Fernando Guedes, apresentado em edição reduzida.

Com um prefácio de Camara Reys, apareceu, há pouco, o opúsculo de Cesar Nogueira "Antero de Quental", esboço para sua biografia politico-social. É um trabalho digno de nota, sobretudo pelo esforço de investigação do autor.

Apareceu o segundo volume do "roman-fleuve" de M. de Campos Pereira. "David Pascoal", obra em que o autor procura pôr em equação complexos problemas sociais e filosóficos.

Nada se sabe, por enquanto, sobre a propalada viagem de Ferreira de Castro ao Brasil. O romancista continua ainda em Paris, onde foi consultar seu médico.

Uma conferência de Cecilia Meireles



Continua a ser executado com êxito o programa de conferências culturais promovidas pelo Ministro Simões Filho, no Ministério da Educação. Quinta-feira ultima, no auditório daquela casa, prendeu a atenção de um numeroso público, a escritora Cecilia Meireles, discorrendo sobre o tema "O teatro e os seus problemas". Convém lembrar ainda o fato do nome de Cecilia Meireles ter sido, há pouco, focalizado com a publicação do seu novo livro "Problemas de literatura infantil".

Ensaio de Brito Broca

O escritor Brito Broca, nosso companheiro de LETRAS E ARTES, está preparando um volume de ensaios em que reunirá alguns trabalhos já divulgados pela imprensa e outros inéditos.

"Memórias de Lázaro"

"Memórias de Lázaro", novo romance de Adonias Filho, deverá aparecer ainda este ano. O autor de "Os Sêrvos da Morte" ocupa-se, no momento, com a revisão estilística dos últimos capítulos de seu novo livro.

Sartre entrevistado por LETRAS E ARTES

Em nosso próximo número publicaremos interessante entrevista de nosso correspondente na Europa, Louis Wiznitzer, com o famoso romancista e dramaturgo Jean-Paul Sartre.

Lamentavel confusão

O filho do grande romancista americano Nathaniel Hawthorne passa muitas vezes, pelo seu pai, já falecido há muitos anos. Certo dia, uma senhora lhe fez este cumprimento:

— Oh, sr. Hawthorne, já li três vezes o seu romance. "A Letra Escarlate". Que livro assombroso.
— Tanto mais assombroso — diz Julian Hawthorne — quanto foi escrito quando em tinha apenas quatro anos.

Um rei amigo dos livros

O rei Farouk encomendou em Turim um trem especial extremamente luxuoso, compreendendo quatro vagões: um salão para a noiva do rei, Narriman Sadek uma câmara, uma sala de jantar e um escritório para o rei. O soberano exigiu que em todos os vagões figurasse uma biblioteca com quinhentos volumes.

A arte de narrar em Somerset Maughan



Se não pode ser considerado no nível dos maiores ficcionistas mundiais, Somerset Maughan é, no entanto, um romancista e contista de qualidades excepcionais, narrador nato, exímio nessa arte privilegiada de contar uma história. Mais um dos seus livros acaba de ser editado em português. Intitula-se "Três Novelas" e nele o leitor encontrará os mesmos elementos de interesse das obras anteriores; a admirável mestria para armar uma intriga e chegar a um desfecho imprevisto.

"Nona e última carta à Academia Brasileira de Letras"

Pela nona vez o poeta e escritor mineiro Martins de Oliveira, Juiz de Direito em São João Del Rei, candidata-se a uma cadeira da Academia Brasileira de Letras. E, como vem fazendo desde 1938, quando concorreu, pela primeira vez, a uma das poltronas do Petit Trianon, ena ereçou agora, àquela instituição, carta em verso, solicitando sua inscrição. Essa carta, bastante longa, acaba de ser publicada em plaquete de 36 páginas, sob o título de "Nona e Última Carta à Academia Brasileira de Letras".

UM RECORD DE TRADUÇÃO DE CRONIN

As estatísticas de 1948, publicadas pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, sob os auspícios da UNESCO, dão Cronin como o escritor mais traduzido e editado no estrangeiro durante o referido ano. Vem, em seguida, Steimback, Somerset Maughan, Pearl Buck, Gide figura em sétimo lugar e Sartre em nono. Um dos últimos é Kafka.

CORRESPONDÊNCIA

DR. ALTINO DO AMARAL — Cambuí (E. de Minas Gerais) — O endereço do Diretor de "Autores e Livros", Acadêmico Mucio Leão, é o seguinte: Rua Fernando Mendes, 7, ap. 121, Copacabana. A coleção completa, dessa excelente publicação, custa 8 mil cruzeiros.

CARLOS DA CUNHA ROSA — Olinda (E. de Pernambuco) — "O homem de duas cabeças" já se encontra à venda nas livrarias de Recife. Talvez seja mais rápido adquiri-lo aí mesmo na capital pernambucana.

HIGINIO NICOLAU — Campos (E. do Rio) — "Autores e Livros" não dedicou nenhum número a Luiz Murat. Também não conhecemos obra a respeito. As edições "Hipocampo" não são encontradas em livrarias, pois se destinam exclusivamente a assinantes. Para maiores informações, dirija-se aos poetas Geir Campos ou Thiago de Mello, responsáveis pelas edições "Hipocampo": Livraria Agir — Rua México.

CORREIO DE PARIS

Um importante documento

Documentário de grande interesse é o que acabam de publicar quatro jornalistas. Serge Bromberger, Jean Marie de Premonville, Henri de Turenne e Philippe Dandy, num livro sob o título "Retour de Corée". No portico da obra, definindo-lhe o sentido, vem inscrita a bela frase de Saint-Exupery: "A grandeza de um serviço é, antes de tudo, a de unir os homens".

Uma conferência de Roger Caillois

Roger Caillois, nome muito conhecido no Brasil, realizou, há pouco, uma conferência na Société de Poesie, sobre o tema: "A poesia enciclopédica de Saint-John Perse".

Edouard Peisson e a provincia

O escritor Edouard Peisson, que acaba de receber o "Grand Prix Littéraire des Mers" e é um verdadeiro campeão de prêmios, pois esse já é o quarto ou quinto que recebe, resi-

de em Aix-Provence, no sul da França. Declarou ele á imprensa que não saberia trabalhar em Paris, onde os escritores têm cara de forçados.

Gabriel Marcel irá ao Peru

Gabriel Marcel deverá ir ao Peru, afim de tomar parte no Congresso de Filosofia que se realizará breve, na capital do país andino.

O falecimento de Alain

Faleceu, há pouco, o filósofo e escritor Alain, que contava mais de oitenta anos e de há muito vivia encerrado na sua residência no Vesinet, perto de Paris. As voltas com uma moléstia reumática, Alain exerceu grande influência em mais de uma geração de escritores franceses, sobretudo nos que foram seus alunos no liceu Henrique IV, onde ele pontificava como o mais amavel e o mais inteligente dos mestres. Neste momento, Maurois, um dos seus discípulos, acaba de publicar um livro sobre Alain.

Vou à Vidigueira e da Vidigueira a Vila de Frades, para ver a casa de Fialho. Atravesso um vale vistoso e alegre, — é na primavera — uma ponte sobre o ribeiro que corre entre choupos. Lá em baixo fica o barracão velho que lhe serviu de cenário para "Os Pobres", e logo adiante a povoação desafogada entre hortas, olivais e campos, limitados ao longe pelo traço roxo de serra. Passo pela escola nova com o seu grande letreiro no alto — "Fialho de Almeida" — mas muito mais me interessa a escola velha com grades de prisão, onde o pai do grande escritor ensinou ao rapazio as primeiras letras — e paro no largo onde ele nasceu, silencioso, isolado, deserto. Não passa ninguém. A casa ao rés-do-chão, com um grande portão de lavoura, fica em frente da pequena igreja caiada, da Misericórdia. Mulheres de negro, com o cântaro no quadril, dous mouros velhos à porta da igreja — e cal, cal sob o céu de esmalte.

A casa, dizem-me, está como a deixou: o mesmo papel mural nas paredes, os mesmos quadros oleográficos na sala de jantar onde trabalhava para apanhar o sol que entra por ali dentro. Vulgaridade sem uma nota de arte ou de intimidade na casa deste homem que tanto falava de quadros, de gravuras, de mobiliários decorativos. No fundo era um misto de cavador e de boêmio.

A única parte bonita da habitação é o pequeno jardim mourisco, com alegretes caídos de branco e flores antigas e desusadas nos canteiros.

Aqui noivou Fialho, dormindo ambos no mesmo quarto, e o mesmo aconteceu em Cuba, para onde se mudou passado um mês.

— E a vinha?

A vinha e o pomar são no

A CASA DE FIALHO DE ALMEIDA EM CUBA

O romancista e memorialista português Raul Brandão, autor de "As Ilhas Desconhecidas", "Os Pobres", "A Farsa" e outros livros de alta categoria artística escreveu uma crônica admirável sobre a casa onde Fialho de Almeida viveu, nos últimos anos de sua vida, na aldeia portuguesa de Cuba. LETRAS E ARTES que, em sua edição anterior, divulgou uma carta inédita de Fialho, datada de Cuba e dirigida a Coelho Neto, aproveita a oportunidade para divulgar a citada crônica, uma vez que o seu conhecimento completa a imagem que o leitor brasileiro pode fazer dos últimos anos da existência do admirável cronista de "Os Gatos".

RAUL BRANDÃO

sítio de Antaste, herdade que se chama dos Antas.

São para o largo, para as ruas com fiadas de casinhas brancas e térreas, de telhados formando linha em ziguezague no céu, e imagino o que isto será no calor tórrido de Agosto. O sol ofusca. Nem uma sombra, nem uma pessoa com quem se possa conversar. A praça deserta, a botica deserta — e um milhafre pairando lá no alto, imóvel como um bronze na abóboda invariável do céu...

Cuba é plor — Cuba é muito plor. Não passa ninguém nas ruas que exalam uma tristeza mesquinha e fétida. Está-se a léguas do aduar africano, que ao menos é pitoresco; do campo e da sua alegria: é a vida esplada entre pessoas condenadas a viverem juntas e que acabam por não se poderem ver. Casas banais, de gente que nem repara onde vive, não olha se-

não o lado utilitário das coisas e que parte de manhã para a lavoura, juntando-se à noite nas adegas, ao pé de talhas onde recoze um vinho espesso e forte. Quando chega Agosto isto fica reduzido a uma ossada, com o milhafre agarrado (não despega nem bole) no céu implacável. Numa das ruas estreitas, com dois metros de largura, a rua João Vaz, fica a casa de Fialho. Se ele deitasse a cabeça de fora do quarto, metia-a logo pela janela do vizinho dentro. Pátio de entrada e à esquerda gabinete de trabalho horível, — papel a despegar-se das paredes — escritório de tabelião, em todo o seu esplendor. Camilo também vivia assim... Noutro aposento pegado, sem luz, os livros; depois a sala de jantar e o quarto de dormir, onde ele e a mulher ficavam juntos até se declarar a tuberculose que a matou! Demoro-me no escritó-

rio diante da "chaise-longue" onde morreu ao voltar da vinha, numa carricana, a toda a pressa, já sufocado pelo ataque de "angina pectoris".

Quem será este tipo incaracterístico, com fisionomia de meia idade, que fala da morte, da dor, dos interesses e dos móveis do grande escritor, sempre com o mesmo tom de voz inexpressivo e monótono?... — Não senhor, não quero ver mais nada, nem ouvir mais nada! — Saio com a impressão da fealdade que se me pega. Sinto-me perto do inferno em que viveu. Saio com a impressão de que todas as almas banais do mundo se juntaram aqui nesta pequena terra concentrada, pensando sobre ele a asfixia e a morte.

Há homens a quem o amor transforma a existência. Ele não; ele carregou, como uma grilheta de que nunca conseguiu desfazer-se, o sentimento

da sua inferioridade física e a crosta do labroste antepassados. E com isto — para maior contradição e sofrimento — uma alma delicada e feminina...

Via-dolorosa de sarcasmo e dor que termina aqui, figura contraditória que à medida que se afasta me parece maior. Lívida e maior. Exausta e maior... Tudo acaba na terra? O fantasma que se põe a caminho solúcia cada vez mais alto. Nem com a morte o debate cessa. A dor está viva, e desespêro vivo como na primeira hora. Folheio-te e a tua voz persegue-me. Talvez a felicidade te fôsse vedada na vida — talvez teu quinhão fôsse outro... Maior. E' como eu interpreto agora a noite de Bussaco entre a fantástica neblina e as árvores desfolhadas!... "Natal! Natal! Oh como há-de ser bom ter uns pequenitos bem rosados, de roda da ceia festival da meia noite!" Mas esse caminho é Deus que só veda dando-te em troca outro mágico poder. Embrulha-te no velho gabarinho e com a máscara ra transbornada explude, em sarcasmo se queres! E' o que te resta... Não podes, tua voz agora é outra — mais funda: — "E minha mulher voltaria da missa, friorenta, vestida de escuro, tirando a capa de noite, num sobressalto brusco de colômba, e com a gola de peles toda gotejada de orvalho..." — O' desgraçado, torce a boca enorme de dentes ralos, torce a boca de dor e dilacera-te... Ouve? — "Oigo o curojão latir como um cêrbero, maldito; deve ser no vale dos fetos, por baixo logo da Fonte Fria. Com os seus latidos funestos, esse sinistro pássaro recorda-me a alma de algum bispo, inchado à sombra com a tragédia da sua exploração."

RAUL BRANDÃO, in "Vale de Josafat" (III vol. de Memórias), Ed. Seara Nova, Lisboa, 1933.

EDITH Wharton é uma artista consumada no domínio da ficção. Tendo nascido em Nova Iorque e casando-se com um filho de Boston, ela conhece, ao mesmo tempo, o grande mundo da metrópole e as aldeias da Nova Inglaterra. Havendo feito uma longa temporada na Itália e permanecido durante cerca de trinta anos na França, ela se mostra perfeitamente à vontade quando toma a Europa como quadro dos seus romances. Fazendo, geralmente, da alta sociedade seu campo preferido de observações, Edith Wharton excede, igualmente, ao pintar a vida e os caracteres dos humildes.

A primeira obra importante que publicou foi um romance histórico, cuja ação se situa na Itália, no século XVIII. Mas seu primeiro romance americano, aliás sua obra prima, é "The House of Mirth" (1905), no qual ousou ela desmascarar, como seu mestre Henry James não se fez senão raramente, a corrupção que se esconde sob as aparências brilhantes dos plutocratas. O ambiente, com seu esplendor, estriado de linhas sombrias, é admiravelmente descrito. O interesse dramático concentra-se em torno da personagem Lily Bart, orfã criada no luxo e reduzida pela miséria a viver como parasita, assaltada pelos desejos dos homens e as manobras perdidas das mulheres. Grava-se ela na memória do leitor da mesma maneira que as grandes heroínas de Henry James, embora mais próxima da comunidade humana. Tanta profundidade quanto em James, apenas com menos sutilezas sábias. Edith Wharton compõe seus romances com um senso delicado dos desenvolvimentos lógicos, de harmonia e da proporção, das correspondências e das oposições. Triunfa ela, sobretudo, nas cenas de amor e de separação. Essa arte delicada realça-se em

A COMEDIA HUMANA DE EDITH WHARTON

fôrça dramática. O estilo é rico e puro, ao mesmo tempo.

"The Custom of the Country" (1913), estudo psicológico de um caso de divórcio, opõe o tempo, em que a separação legal era considerada pela mulher como uma decadência, à época moderna, em que, na América, ela se tornou um incidente banal e facilmente aceito.

A ironia é uma das armas de Edith Wharton. E vai ela até à sátira em novelas como

"Xingu", crítica de um clube de mulheres, onde reina o esnobismo e a admiração ingênua pelas celebridades da moda; e em romances como "The Children" (1928), que põe em cena uma família desagregada pelo divórcio, onde encontramos uma adolescente de 16 anos, desempenhando o papel abandonado pela mãe. Edith Wharton tem o espírito ora brilhante, ora mordente.

E', entretanto, nos estudos de costumes e caracteres, nas

situações dramáticas que atinge ela os seus pontos mais altos. "The Fruit of the Tree" (1907), mostra-nos um grande industrial, dividido entre suas preocupações profissionais e a atração que lhe despertam, sucessivamente, duas mulheres. "The Reef", que se passa na França, encadeia entre personagens americanos uma intriga amorosa, cujas flutuações nos suscitam o mais palpitante interesse. Em "The Age of Innocence" (1920) Edith Whar-

ton reencontra o seu grande assunto. Pinta ela aí o espírito "collet-monté" da alta sociedade de Nova Iorque, na época em que as exigências morais não haviam sido ainda desbancadas pela desenvoltura moderna. Dos seus outros romances que se contam em grande número, podemos distinguir "The Gods Arrive" e, sobretudo, "Etham Frome", já traduzido para o português, com o título de "A Casa dos Mortos" (Ed. Globo), narrativa da atmosfera provinciana da Nova Inglaterra, dominada pelo recalque puritano. A romancista sabe estender sua simpatia a todas as formas da existência e das classes sociais que não são propriamente as suas, como já mostrou em "The Bunner Sister", história tocante de duas modistas de Nova Iorque, feita de renúncia e resignação.

Durante a guerra de 1914, prestando assistência social aos refugiados das regiões invadidas na França, Edith Wharton consignou suas impressões do heroísmo em livros como "La Marne" e "Fighting France". Numerosas novelas reunidas em volume, uma autobiografia "A Backward Glance", e um ensaio sobre a estética do romance completam essa obra rica, de uma técnica acabada, marcada pelos mais belos êxtos. Edith Wharton é realista pela segurança da observação, pela exatidão da pintura de costumes, pela escolha e o conjunto dos traços dos caracteres. Mas sua imaginação, sempre ativa, retoca os dados da realidade; sua inteligência pronta a interpretar tanto quanto a compreender, recompõe a vida. Ela agrupa, ordena, associa ou opõe os dados da experiência; vivifica pela intuição e realça pelo estilo para obter os quadros mais justos, as figuras mais salientes, isto é, para realizar, como procurava Balzac, "a verdade pela arte".



Xilogravura de OSWALDO GOELDI

Crônica do Planalto

Yllen Kerr em São Paulo

LYGIA FAGUNDES TELLES

O ACONTECIMENTO da semana foi a exposição de Yllen Kerr no Museu de Arte Moderna. Os leitores devem estar lembrados desse jovem e talentoso artista que há anos vem ilustrando as páginas deste suplemento, revelando-se um conhecedor profundo da complexa e fascinante arte da xilogravura.

Xilogravura... O leitor já meditou nessa misteriosa tarefa de desenhar na madeira, de gravar nela, com torturante riqueza de detalhes, bichos, faces, paisagens, plantas?! Não admira que aqui no Brasil haja apenas uma dúzia de artistas que se dedicaram a tal ramo; não admira que tenham sido os chineses, pacientes e requintados, os principais iniciadores dessa arte, explorando-a antes mesmo do século X, quando então começou a ser divulgada na Europa.

Pela primeira vez, Yllen Kerr se apresenta aos paulistas trazendo uma selecionada bagagem de xilogravuras e linóleos. E a impressão causada pelo gravador carioca — podemos assegurar — foi a melhor possível. E nem podia deixar de ser assim; nesta segunda fase da sua carreira, Yllen Kerr não é mais o gravador de traços simplistas e mesmo românticos, conforme tão bem frisou Livio Abramo ao apresentá-lo. Evoluiu, a insatisfação dominou-o e ele buscou novas formas para extravasar sua inspiração. Em maneiras de tópo e de fio, seu buril criou uma técnica rica e pessoal.

É acentuada a sua preferência por aves, influência talvez de um curioso achado: estava o artista na praia, quando viu boiando nas ondas um enorme pássaro. Recolheu-o. Era uma ave raríssima, quase desconhecida por estas bandas, uma estranha fragata vinda Deus sabe de onde. Estava moribunda, o bico adunco gotejando sangue, o vasto peito atravessado por uma bala. Durou apenas algumas horas. Yllen Kerr mandou então empalhar aquela misteriosa dádiva do mar e colocou-a no seu "atelier".

Desde esse dia, seu buril tem se detido com frequência em pássaros e, nesta sua exposição, dá-nos ele alguns exemplares que podem ser considerados pequenas obras-primas no gênero.

Com essa paciência oriental e imaginação latina, Yllen Kerr já conquistou para si um lugar de destaque na arte nacional.

AD IMMORTALITATEM

Os últimos resultados do concurso da Academia Brasileira de Letras colocaram três coroas de louros em três jovens fronte paulistas: Almeida Fischer, Prêmio Afonso Arinos com o livro de contos "O Homem de Duas Cabeças"; Paulo Dantas, paulista naturalizado, Prêmio Coelho Neto com o romance "Cidade Enjêrma"; e Susana de Campos, Prêmio Olavo Bilac com o livro de poesias "Exílio Harmonioso". Não conheço ainda o livro premiado dessa poetisa, mas já li os contos de Almeida Fischer e acabei há pouco de ler o romance de Paulo Dantas; pude verificar o quanto esses louros foram bem distribuídos. Neste mesmo suplemento já escrevi sobre o livro de Almeida Fischer. Oportunamente tratarei do livro de Paulo Dantas, premiado ainda num recente concurso instituído pelo "Jornal de Letras".

E POR FALAR EM PRÊMIOS...

São os seguintes os resultados do concurso de cartazes promovido pelo Museu de Arte Moderna para a propaganda da sua I Bienal: 1.º prêmio — Antônio Maluf; 2.º prêmio — Darcy Penteado; Menção — Carlos de Almeida Vidal e Luiz Gastão de Castro Lima.

"ZODÍACO VIGILANTE"

É o título do novo livro de poesias de Mário da Silva Brito, um poeta excelente, que faz parte dessa pleiade de classe da qual se destaca Péricles da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva, Geraldo Vidigal... Foram todos meus contemporâneos na Faculdade de Direito, lembro-me bem deles cruzando aquele velho pátio. Havia ainda sob as vestidas arcadas, mais uma dúzia de vates ruidosos e descabelados. Sumiram todos. Mas esses permaneceram e "vingaram" aqui fora. O livro de Mário da Silva Brito está sendo aguardado com interesse, e com grande interesse também o estudo que ele nos promete para breve: "História do Movimento Modernista no Brasil". Pela primeira vez teremos então a oportunidade de conhecer verdadeiramente o que foi aquele movimento de vinte e dois em plena "paulicéia desvairada"...

"VOCAÇÃO"

Esta coluna foi destinada a noticiar fatos, pensamentos e obras em São Paulo. Abro aqui uma exceção para referir-me a uma revista que acabo de receber, "Vocação". Realmente, ler uma revista assim, enche-nos dessa sábia, dessa esperançosa confiança de que falam os nossos hinos... Confiança num futuro intelectual mais risonho para o Brasil, confiança no reerguimento cultural da nossa gente; confiança, pura e simplesmente... A revista é de Belo Horizonte, esse exuberante coração do Estado mineiro que já nos deu um Carlos Drummond de Andrade, um Ciro dos Anjos, um João Alphonsus. Nossos cumprimentos a Affonso Avila, Fábio Lucas e Vera de Castro que são os responsáveis por essa publicação.

CONFERÊNCIA

Sob os auspícios do Clube de Poesia, realizou-se na Biblioteca Municipal uma importante conferência de Carlos Burlamaqui Kopke: "Poesia Moderna e Ritmo". O conferencista, que é poeta, crítico e ensaísta, é sócio do Clube de Poesia, título que hoje vale — depois daquela memorável noite de São Bartolomeu — por uma autêntica recomendação.

— Rua Martins Fontes, 213, — apartamento 64 — SAO PAULO.

CONTRIBUIÇÃO DA FRANÇA PARA A CIVILIZAÇÃO

JACQUES MADAULE

eria preciso, parece, uma audácia singular para ousar consagrar uma obra de conjunto às contribuições da França para a civilização. Esta audácia, o sr. Louis-Philippe May acaba de tê-la, publicando o seu "Esquisse d'un Tableau des apports de la France à la civilisation", volume editado por Albin Michel, Paris, isto aliás sem desconhecer as dificuldades a que se expunha. Diria, de bom grado, que ele é um perfeito modelo de modéstia na audácia. Não vacila, com efeito, em citar na sua advertência preliminar, uma frase de Valéry e uma outra de Michelet, mais do que suficiente para desanimá-lo. Mas escreveu entre 1941 e 1944, quando a França estava ocupada pelo inimigo e quando muitos franceses se voltavam para o passado da sua terra, procurando nele títulos que lhes dessem o direito de sobreviver. A sua obra está marcada com esse cunho e penso que não se trata de uma fraqueza, pois as questões que então se equacionavam estão sempre em evidência. Elas são permanentes.

Seria fácil apresentar uma crítica detalhada de um ensaio como esse, censurar uma ou outra lacuna, achar que certas coisas são expostas a uma luz muito viva e que o conjunto não tem perspectivas. É preferível acentuar o que uma semelhante tentativa tinha, ao mesmo tempo, de necessário e de impossível. É sempre necessário estabelecer balanços e o da França é daqueles que não se dissentem. Mas ainda é preciso avaliá-lo e essa avaliação tornou-se mais fácil hoje, graças à obra do sr. Louis-Philippe May. Mas, apesar de tudo, precária, porque tal quadro é inevitavelmente falso e incompleto. A perspectiva que o autor escolheu era, de resto, a mais difícil, mas imposta pela nossa época. Ainda não faz muito tempo, os historiadores europeus consideravam muito naturalmente a Europa como o centro do mundo. Se o sr. Louis-Philippe May tivesse escrito há um meio século, teria igualmente, tomado a Europa para o centro de perspectivas; teria mostrado qual era o lugar da França entre a Ale-

manha, a Inglaterra, a Itália, a Espanha e a Rússia. Em 1951 esse ponto de vista não é mais possível. É preciso recolocar a França no coração do mundo inteiro. Creio que é isto que, entretanto, irá surpreender e instruir sobretudo os seus leitores. A partir do momento em que, no fim do século XV e no começo do XVI, todos os mares do mundo se abriram à curiosidade ávida da Europa, a contribuição de um país como a França para a civilização é tanto a obra dos seus navegadores e dos seus pioneiros como a dos seus artistas, dos seus escritores e sábios. A França tem mesmo muita tendência para acreditar que a sua grandeza é unicamente da ordem de espírito, de modo que será útil lembrar-lhe, de vez em quando, o também aos outros, que ela não é somente a pátria das letras e das artes. De tudo isso, o sr. Louis-Philippe May deu muito boa conta. O que eu poderia censurar, todavia, é o caráter essencialmente analítico do seu quadro. Nele encontramos uma quantidade prodigiosa de fatos, nenhum dos quais, justamente porque são em demasia, é analisado de um modo suficientemente profundo. O que desejaríamos apreender, através de uma obra como esta, são certos traços fundamentais do gênio francês. Pois, a contribuição da França para a civilização universal, só pode ser o concurso do seu gênio. Entendo por aí que o que faz com que uma obra francesa se distinga de todas as outras é ser ela francesa. As árvores, aqui, dissimulam um pouco a floresta. Havia continuidades a assinalar, outra, por exemplo, a poesia cavalheiresca e galante da Idade-Média e o preciosismo do século XVII ou certas tentativas muito mais recentes do simbolismo. Assim, também, a importância do episódio jansenista me parece ter sido mal considerada. Podemos ler os artigos dedicados a Pascal ou a Racine sem duvidarmos de que eles foram, um e outro, de Port-Royal. Procuro, em vão, os nomes de Saint-Cyran, do grande Arnauld ou de Nicole. Sabemos,

do mesmo modo, que uma das glórias mais incontestáveis da França é a sua escola de pintura, que não teve, desde mais de três séculos, nenhuma interrupção. Mas isto não aparece claramente e não se podia, por conseguinte, pensar em explicá-lo.

Acredito que o principal erro do sr. Louis-Philippe May seja o de se ter situado num ponto de vista muito exclusivamente político. Seria bom, por certo, e mesmo necessário, mostrar com que fervor, com que entusiasmo e, acima de tudo, com que desinteresse foram empreendidas a maior parte das atividades coloniais da França. Mas essas Franças de alamar, que surgiram em quase todas as paragens do globo, eram alimentadas, sustentadas, coloridas pela França metropolitana e por um gênio que continuava igual, quaisquer que fossem os climas em que era chamado a se expandir. E já que se escolhia a Gália para começar e para nos falar, com um pouco de exagero, do milagre gaulês, ainda seria preciso, antes, prestar uma homenagem, como antigamente o fez num poema famoso, André Chenier, a esse torrão francês, que nada mais é que o rincão gaulês, e cujas virtudes particulares se impuseram, de geração em geração, aos habitantes do país.

Sejam quais forem os seus defeitos, o trabalho do sr. Louis-Philippe May não será, entretanto, inútil, uma vez que nos obriga ele a refletir nesse grande fenômeno coletivo que a vida e a obra de uma grande nação constituem.

Somos irresistivelmente tentados pela personificação dessas entidades coletivas, e já se falou muito que a França é uma pessoa. É pela enorme quantidade das suas realizações que somos hoje convidados a deduzir, como pudermos, os traços da sua fisionomia. Esses traços, ela os deve à sua história tanto quanto à sua geografia. Entre os Alpes e o Atlântico; entre os Pirineus e o mar do Norte, formou-se uma certa sociedade no decorrer de vicissitudes milenárias, e foi esta sociedade, tão parti-

(Conclui na 11.ª pág.)

AMOR E MAR

NÃO NEGO O MUNDO EM QUE VIVEMOS,
— SE TU VIESTE TARDE,
AINDA HÁ TEMPO NOS RELÓGIOS.
E ESTE DESEJO DE QUERER,
MORRENDO E VIVENDO, DESEJO-MAR
QUE SE ESPRAIA E MORRE
NO ABRAÇO BRANCO DAS AREIAS.

ES HOJE LUA E ESTRELA.
A TRANQUILIDADE MISTÉRIO
DAS NOITES MORNAS.
ES BRISA SALGADA, ALGA E ESPUMA.

MUNDO OCEÂNICO ONDE VIVO PERDIDA
NA TANTO TEMPO.
TRouxESTE CONTIGO O RUMOR SURDO
DE ONDAS AMIGAS.
E A INTRANQUILIDADE ESGUIA
DE ESQUECIDAS PALMETRAS.

SEU CORPO É OCEANO
DE INEXISTÊNCIA LÍQUIDA.
SEU CORPO É MERGULHO PROFUNDO
ONDE A MORTE EXISTE,
ONDE A VIDA ABRAÇO.

DIRCEU QUINTANILHA

O LIVRO DE GUMPERT

ADONIAS FILHO

NAO sel de outra aventura empreendida pelo homem e tão útil ao próprio homem quanto essa que permitiu a organização da Cruz Vermelha. Uma instituição universal de socorro, assistindo o sofrimento de populações vitimadas pela guerra, em cada povo representando a mesma esperança comum que identifica todos os povos, dificilmente poderá ser escrita sua contribuição à história humana. Pequena, é verdade, não contando ainda um século, mas colaboração que supera qualquer ação que trabalhe pela solidariedade entre os povos e compreensão entre as criaturas. O uso da técnica ou a diplomacia, as conquistas políticas ou as relações de cultura, nenhum outro acontecimento conseguirá mostrar em sua tradição, como a Cruz Vermelha, um passado tão forte de interesse pela dor e constante preocupação pela dignidade da vida.

Em sua origem, apesar dos sentimentos que a inspiravam, da idéia ainda vaga para suavizar a violência e a crueldade das guerras, não encontrou um clima imediato de aceitação. Não surgiu também como uma imposição coletiva, simples determinação dos conflitos sociais, consequência de uma fase alcançada pela civilização. Mas, movendo-se embora numa época agitada — os últimos 50 anos do século passado — nasceu do entendimento de cinco homens, em Genebra. Martin Gumpert, o historiador da Cruz Vermelha, escreverá um pouco mais tarde: "Cinco cidadãos isolados, destituídos de qualquer autoridade oficial, puderam iniciar um empreendimento da mais ampla significação histórica". Esse empreendimento, a Cruz Vermelha. Esses cidadãos: Henry Dunant, figura de santo medieval nos tempos modernos; Gustave Moynier, advogado e autor de uma biografia de São Paulo; Louis Appia, médico, prussiano, inventor de um aparelho para transportar feridos; Dufour, general organizador de exércitos, ex-prisio-

neiro de guerra, assistente de Napoleão III, cartógrafo e idealizador da bandeira suíça; Maunoir, também médico.

Antes, e talvez ao mesmo tempo, outros poderão ter participado na luta pela proteção aos feridos e nos hospitais de sangue, outros sem dúvida — como Florence Nightingale, Maria Pavlova e essa admirável Clara Barton, sempre a presença mais poderosa na guerra civil norte-americana — participaram da obra de humanidade que se esboçava. Mulheres arriscaram a vida para salvar um ferido. Livros foram escritos em linguagem dramática condenando a guerra. Sacerdotes usaram o púlpito e tentaram reanimar na consciência dos homens o amor cristão aos semelhantes. No mundo inteiro, na Espanha como na China, na Suécia como na Rússia, vozes isoladas ecoaram. Ninguém, porém dentre todos os que se interessaram pela condição humana de um prisioneiro ou ferido de guerra conseguiu igualar Henry Dunant no que foi sua obsessão, seu sacrifício, sua esperança.

Visto de perto, como nesse livro de Martin Gumpert, "The Story of the Red Cross", que Thomas Mann achou espantosamente belo, Dunant não é apenas um abnegado. Muito menos um apóstolo. O que realmente é, na série de episódios que constitui seu destino, o que realmente ilustra é o homem comprometido em realizar tão somente o seu próprio sonho.

X X X

Conterrâneo de Calvino, Jacques Rousseau e desse singularríssimo introvertido Henry Frédéric Amiel, fisicamente fraco, Henry Dunant era moralmente um tímido. Moço ainda, integrado no comércio europeu que

se expandia com o crescente desenvolvimento industrial, viajou bastante — e dessas viagens surgiu o seu primeiro livro, "Notice sur la Régence de Tunis". Debate, aí, o problema da escravidão. Sente-se, no fundo das páginas que revelam sua formação puritana, ao lado das citações bíblicas, o interesse pelo que chama "o espírito do cristianismo". Restrita, quase nenhuma, a sua leitura. Os escritores que influenciaram o seu tempo e que Amiel não se fariava de ler — Victor Hugo, Michelet, o próprio Rousseau — não perturbariam a sua atividade de diretor-presidente de uma organização comercial que dispunha como capital de um milhão de francos. Consequência dessa organização, era também banqueiro e industrial.

Foi sua responsabilidade de chefe de uma grande empresa comercial que o levou, no fundo de uma Europa ensanguentada, — Napoleão e Francisco José lutando pela posse de Solferino — a um campo de batalha. Protegido, no dia mesmo em que Napoleão ordenou o ataque em Solferino, contemplou à distância a retirada austríaca. Finda a luta, ele, que se habituara à paz do lago de Genebra, pôde ver, como num pesadelo, a miséria que associava os homens à destruição.

Chegavam feridos esfarrapados, ensanguentados, desprotegidos. Camponeses apareciam, apavorados, chorando sobre a terra nua. A água faltava. Acima de tudo, porém, erravam indefesos os prisioneiros que se amontoavam quase mortos ou procuravam se ocultar no capinzal tinto de sangue. Um momento — e pode-se afirmar que foi nesse momento que a Cruz Vermelha nasceu — observou soldados arrastan-

do dois prisioneiros que já não se podiam manter de pé. Erguendo os braços, gritou: "Não façam isso. Somos todos irmãos!" Improvisando uma sala de curativos, durante três dias e três noites, Henry Dunant animou, aconselhou e tentou extinguir nos feridos o sofrimento e a dor.

Essa experiência, a lembrança dos mutilados e dos cegos, a visita depois feita a Paris, tudo isso, com o ideal de fraternidade que já se revelara no seu primeiro livro, provocou a necessidade de uma confissão. Em segredo, começou a escrever "Reminiscências de Solferino" que, logo publicado, conquistaria a simpatia da inteligência europeia. Sucederam-se os depoimentos, de Victor Hugo e Renan, dos irmãos Goncourt e Dickens. Amigos acorreram e, dentre estes, cinco estruturaram e fundaram a Cruz Vermelha.

No entanto, apesar de existir como um organismo vivo, apesar dos congressos posteriores, apesar da homenagem à Suíça invertendo sua bandeira e utilizando-a como símbolo, a Cruz Vermelha quase não atuava. Guerras surgiam como para desafiar a sua eficiência. Falhou no primeiro e no segundo batismo de fogo. Henry Dunant, a quem chamam de visionário, já não descansa, e viaja sempre, de um para outro lado, esperando no apoio oficial de qualquer país. Esquecido de si próprio, distante da realidade comum, quase não sente a falência fraudulenta que todos comentam. Falido, os responsáveis pelo destino da Cruz Vermelha se retraíram, temendo pudesse a sua presença comprometer o futuro da instituição. Deixaram-no assim, arruinado e pobre.

Muitas vezes dormiria ao re-

lento e ficaria sem pão. Henry Dunant — cuja vida está sendo filmada, hoje, nos Estados Unidos — de pobreza em pobreza, chegaria ao extremo da mais absoluta miséria. Só, sem família, um mendigo que estendia a mão à caridade pública, foi desse modo que a guerra de 70 o encontrou. A guerra, novamente a guerra, a última prova que incorporaria definitivamente o seu sonho ao destino social da criatura humana. Mas, enquanto a Cruz Vermelha se expandia e tornava-se indispensável, seu fundador sentia passar os anos, em Heiden, no quarto número 11 do Hospício. Recebeu, aí, pobre órfão do mundo, o prêmio Nobel. E aí, após dezoito anos de silêncio e humildade, morreu repentinamente talvez palavras que testemunham sua luta: "A guerra ainda não foi esmagada!"

Quatro anos depois, quatro anos após as suas derradeiras palavras, a primeira grande guerra mundial ilustraria a sua convicção. O sacrifício da sua vida não bastara para esmagar a guerra. Não chegara mesmo para suavizar no homem a maldade e a força do ódio. Ele próprio, Henry Dunant, não se iludiu. E o seu depoimento, já no leito de morte, servirá eternamente para envergonhar a humanidade e enojar o mundo: "Fui uma vítima de todos aqueles em que confiei. Quando me vi intelualmente arruinado, trabalhei com todas as energias, durante vinte anos, para pagar as minhas dívidas. Conheci a privação, vivi a mais miserável, obscura e parcimoniosa das vidas, e muitas vezes tive de enfrentar a fome. Durante anos, para espesinharme, proclamaram que eu não era o verdadeiro Dunant. Acusaram-me de crimes. Acularam contra mim todos os bem intencionados. Ridicularizaram-me. Humilharam-me. Insultaram-me".

Esse primeiro santo moderno — e aí está o tema do livro de Gumpert.

O PÚBLICO brasileiro conhece de sobra as produções dos poetas do modernismo. Ninguém ignora que Manuel Bandeira é professor de literatura, Augusto Frederico Schmidt é um riquíssimo industrial, Murilo Mendes é modesto tabelião depois de ter si-

A PROFISSÃO DOS POETAS DA GERAÇÃO DE 1945

Curiosas revelações de uma antologia — A maior parte trabalha nos serviços públicos e pratica jornalismo — Quem arranja um emprego para Fred Pinheiro? — Apenas um industrial e um diplomata



João Cabral de Melo Neto

do modestíssimo fiscal de ensino, Jorge de Lima é médico, professor e suplente de vereador, Carlos Drummond de Andrade é funcionário público, e Cassiano Ricardo é jornalista e alto funcionário público bandeirante.

Merece interesse pois registrar quais os caminhos de atividade privada escolhidos pelos poetas jovens, da "geração de 1945". A publicação recente do "Panorama da Nova Poesia Brasileira", sob os auspícios de "Orfeu", oferece uma feliz oportunidade para a fixação

desses rumos. E' verdade que à antologia não comparecem vários poetas que surgiram quando a aludida coletânea já se achava impressa, como Thiago de Mello, Haroldo de Campos, etc. E outras figuras, como os paulistas Cyro Pimentel, José Escobar Faria, Reinaldo Bairão também não figuram, o mesmo acontecendo com um Antônio Rangel Bandeira, o cearense Aluizio Medeiros, o baiano Jorge Medauar, etc.

Vejamos pois quais as profissões dos jovens poetas:

MAURO MOTTA — Professor de História e redator-secretário do "Diário de Pernambuco".

DANTAS MOTTA — Advogado.

MANUEL CAVALCANTI — Advogado militante, jornalista, musicista, poeta e funcionário autárquico.

BUENO DE RIVERA — Microscopista de laboratório, redator da Rádio Mineira e corretor de imóveis.

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA — Advogado, jornalista e funcionário público.

MANUEL DE BARROS — Advogado e comerciante.

JOSE' CESAR BORBA — Jornalista e funcionário público, além de bacharel em Direito.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO — Jornalista e

funcionário público, além de bacharel em Direito.

PAULO ARMANDO — Comerciante.

PÉRICLES EUGENIO DA SILVA RAMOS — Jornalista e funcionário público, além de bacharel em Direito.



Domingos Carvalho da Silva

JOÃO CABRAL DE MELO NETO — Diplomata.

PAULO MENDES CAMPOS

— Jornalista e funcionário autárquico, além de vários outros "bicos".

MARCOS KONDER REIS — Engenheiro e professor de sua especialidade.

DARCY DAMASCENO — Funcionário público, professor e bacharel em línguas neolatinas.

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA — Advogado e funcionário público.

EDSON REGIS — Bacharel em Direito, jornalista e funcionário autárquico.

HELIO PELLEGRINO — Médico psiquiatra e funcionário público.

LEDO IVO — Bacharel em Direito, jornalista e funcionário autárquico.

GEIR CAMPOS — Ex-oficial de náutica, antigo piloto de navios mercantes durante a última guerra e atualmente trabalhando num dos numerosos escritórios de Augusto Frederico Schmidt.

WILSON DE FIGUEIREDO — Jornalista e bacharel em Filosofia.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA — Industrial.

AFONSO FELIX DE SOUZA — Funcionário do Banco do Brasil.

JOSE' PAULO PAIS — Funcionário público.

FRED PINHEIRO — Desempregado, circunstância esta la-



Léo Ivo

único que talvez um dia possa competir com o sr. Augusto Frederico Schmidt na usufruição de riquezas terrestres, é o poeta Fernando Ferreira de Loanda, aliás português das colônias, e que está cada dia mais rico com a sua indústria saponífera. Enquanto a geração de 22 deu vários diplomatas, como Ribeiro Couto e Raul Bopp, e a de 30 um como Vinícius de Moraes, até aqui é o poeta João Cabral de Melo Neto o único a prestar serviços no Exterior, como representante dos poetas de 1945.

PARIS — Via Scandinavian Airline — Se Paul Leautaud está longe de ser o maior escritor francês de sua época pode-se afirmar, sem hesitação, que ele é, certamente, o mais original. Já o denominaram Alceste Leautaud. O autor de "Petit Ami" é, realmente, um misantropo; um Diogenes de nossa época: inimigo das mulheres, desprezando os homens, vivendo há vinte anos numa velha casa esbocada de bairro parisiense, tendo por toda companhia alguns milhares de livros sem capa e uma multidão de gatos que ele alimenta, sem falar na sujeira que vai por toda parte. Seriam necessários vinte criados, trabalhando sem cessar durante quinze dias para limpá-la. Dizem ser ele o homem mais livre de sua época, porque não pertencendo a nenhum partido e a nenhuma escola, não possuindo nenhum preconceito e estando habituado a dizer aos grandes o que pensa deles em pleno rosto.

Devemos assim a Leautaud esse respeito raramente devido em nosso tempo aos que vivem de acordo com suas ideias, sem que haja entre o pensamento e a ação qualquer desacordo.

ESCRITOR PARA POUCOS

Ei-lo à minha frente, com seus olhos de clown, sua boina basca, suas sobrancelhas de misantropo, meio curvado para

frente, uma prega de desdém nos lábios, a voz rouca. Oh! Não. O homem não gosta dos jornalistas. De quem gosta então? Nem mulheres, nem crianças, nem confrades evoluem em torno dele, mesmo quando, de tempo em tempo, o escritor vai a coquetéis literários ou aos cafés existencialistas.

Não o abordecis, — pois arriscas a levar um contra de que vos ficará a ressonância durante muitos dias. Entretanto, foi ele um dos raros escritores a acompanhar o enterro de Gide em Cuverville, a prestar-lhe essa homenagem de homem sincero.

Como vive Leautaud? Durante oito anos, dizem, só se alimentou de pão e queijo — Detesto que falem de mim — tais as palavras com que o escritor me acolheu.

Em todo caso, aproveitando um dos momentos em que os gatos se afastam de mim, pois logo me cercaram, como se a eles é que eu fosse entrevistar, pergunto-lhe:

— Em que consiste para o senhor o prazer literário?

— Em ser apreciado por um pequeno número de leitores e totalmente ignorado pelos outros. Meus livros não aparecem senão em edições muito limitadas, felizmente.

— Que pensa do premio Goncourt?

— Foi o maior erro cometido pelos irmãos Goncourt. Causaram com isso um mal imenso

PAUL LEAUTAUD — O MISANTROPO

COMO DIOGENES NO TONEL — "SÓ SE O BRASIL VIER À FRANÇA" — "POESIA, JOGO DE PALAVRAS"

à literatura. Um escritor que aceita um premio está desonrado. A literatura tornou-se hoje um comercio. Como certo jornalista disse há pouco que eu havia recebido um premio Goncourt, fiquei tão indignado que quiz desafiar o impertinente a um duelo. Eu premiado pela Academia Goncourt! Seria mesmo para rir. Não me ocupo nem mesmo das reedições dos meus livros. Fui recentemente ao camiseiro e ele me pediu trinta mil francos por algumas camisas... Propuseram-me ontem trinta mil francos por algumas paginas ineditas e recusei-os. Eles ficaram sem minhas paginas ineditas e eu ficarei sem camisas. Não faz mal. Que importancia tem isso?

UM FILOSOFO CINICO

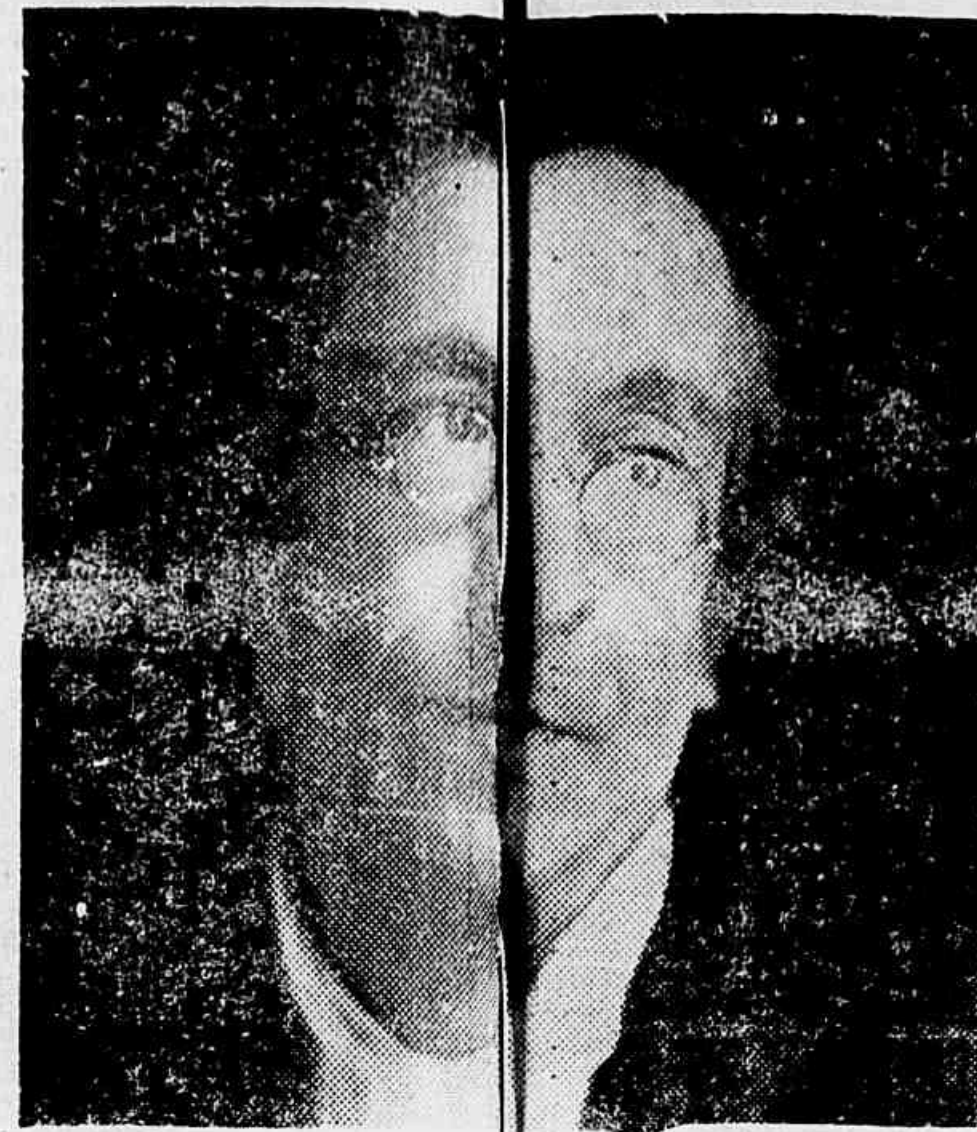
Leautaud é o Boileau da nossa época. Não lhe falta nem mesmo a peruca. Não acredita ele na alma, embora preste homenagem a ela e a Deus. Não há musica um pouco religiosa que ele escute, sem comover-se até as lagrimas. Mas não quer

defender se não uma coisa, não quer ser cavalheiro senão de uma causa: a liberdade individual. Recentemente, um radio francês pediu-lhe para fazer uma serie de palestras. Toda Paris no que nela existe de mais representativo em escritores e artistas de tal forma insistiu que ele acabou aceitando. Seus propositos, imbuidos de não-conformismo, divertiram uns e escandalizaram outros, provocando reações variadas.

— Dizem que o senhor é um filosofo cinico como Diogenes. — Sim; e mesmo imoral. Não sei exatamente o que é a moralidade. O amor para mim só tem um sentido fisico. A propria Colette quiz dizer isso no radio, mas não deixaram. Quanto a mim, tive duas grandes ligações amorosas na minha vida. Pois confesso, se qualquer dessas duas pessoas morresse ao meu lado eu não me perturbaria com isso. Para mim, o sentimento não existe.

MONTERLAND NÃO ME INTERESSA

— Que pensa do processo des-



Paul Leautaud

— Recebi muitas cartas. Uma dama enviou-me mesmo uma declaração de amor. Mas acabo de fazer oitenta anos. E' um pouco tarde. Alguns jovens também me escrevem. E' incrível que se possa interessar pela mocidade. Confesso que não me interessa.

— E Jouhandeau? — E' meu amigo. "Chamlandour" é um livro maravilhoso. Que justeza e que dons de observação. Mas acho que Jouhandeau se está prejudicando por escrever muito. E suas

LOUIS WIZNITZER

— Como considera Montherland?

— Não me interessa.

— Que escreve neste momento?

— Sempre o meu diario, que já possui cerca de 3.500 paginas e no qual me refugio. E outras coisas que não tenho a menor intenção de lhe contar.

— Tiveram repercussão suas palestras no radio?

— Recebi muitas cartas. Uma dama enviou-me mesmo uma declaração de amor. Mas acabo de fazer oitenta anos. E' um pouco tarde. Alguns jovens também me escrevem. E' incrível que se possa interessar pela mocidade. Confesso que não me interessa.

— E Jouhandeau?

— E' meu amigo. "Chamlandour" é um livro maravilhoso. Que justeza e que dons de observação. Mas acho que Jouhandeau se está prejudicando por escrever muito. E suas

historias domesticas apresentadas ao publico me aborrecem um pouco. Eles se comprazem com isso.

INFLAÇÃO ABOMINAVEL!

— Que pensa da literatura francesa de hoje?

— Uma inflação abominavel. Muitos jovens escrevem. Parece uma coceira. As mulheres se confessam, os jovens se analisam, os homens maduros inventam. Como distinguir em meio de tudo isso o que há de legitimo valor? Escreve-se cada vez menos bem. Já passou a época dos escritores. Agora estamos no tempo dos editores. Não se pergunta mais: "O que escreveu você?", mas sim: "O que você editou?"

POESIA — JOGO DE PALAVRAS

— Que admirou mais o senhor em Gide?

— Que ele tenha recusado até

ao fim da vida a fazer parte de uma academia. A maioria dos nossos escritores se divide em academicos e futuros academicos. Raros são aqueles cujo caminho passa para fora de uma academia.

— Como compreende o senhor a poesia?

— Como um jogo de palavras mais ou menos habil. Valery era um grande manejador de palavras; logo, excelente poeta. Não era absolutamente sentimental. E' uma maçada Julien Benda não fazer versos. Que poeta seria ele!...

— Como se adaptaria o sr. num mundo futuro dominado pelos russos ou pelos americanos?

— Não bem quanto no mundo presente. Vivo suficientemente pobre para não incorrer nas iras dos comunistas e suficientemente livre para agradecer aos americanos. Não depende de ninguém. Continuarei a dizer às pessoas o que penso delas. Se uns e outros tivessem imaginação me nomeariam ministro da educação. Mas, todo mundo vive escravizado às teorias e aos preconceitos.

SO' SE O BRASIL VIER A FRANÇA

— Gostaria de conhecer o Brasil?

— Se o Brasil viesse à França,

ca, sim. Gostaria bem de ver como os brasileiros vivem entre eles, de que maneira lutam uns contra os outros; quais os seus metodos, se valem os nossos. O que me impede é que nos climas que temos deveres desfazer-me de minhas vestes de lá e isso me é impossível.

— Porque não? — Porque não tenho outras.

— Sua obra imensa é quase toda composta de comentarios sobre os seus contemporaneos.

— E morrerá, sem duvida, antes de haver dito tudo, tudo criticado. E ficarei desolado se deixar alguma coisa de pé, alguma coisa que se possa respeitar, sem se ter lido minha opinião sobre o assunto. Denuncio a loquacidade dos escritores. A loquacidade é o pior sinal de superficialidade.

HORROR AO CINEMA

— Que pensa do cinema? — Não me faça falar de cinema. E' um assunto que me leva a exceder-me. Considero-o o mal, o encanamento para todas as fraquezas, ilusões, covardias e escravidões. Imagens que substituem os sentimentos quando estes, por sua vez, já não fazem senão substituir as ideias.

Leautaud me acompanha até a porta e os gatos nos seguem a miar e a pular como animais diabólicos. Aprecia Leautaud só de longe, eis o meu desejo.

AOS 50 ANOS JOSE' LINS DO REGO RESPONDE: --- SEREI SEMPRE UM ESTREANTE

GILBERTO FREYRE, Olívio Montenegro, Octavio Tarquinio de Souza e José Olympio, os amigos de Zé Lins o cercavam com perguntas sobre a Suécia, Portugal, a literatura, o povo e suas inquietações. Era difícil para o repórter sem a curiosidade amistosa daqueles, conseguir que o recém-chegado falasse daquelas mesmas coisas para um público que lhe é tão amigo apesar de mais distante.

Não obstante isso, o repórter se aproximou, mostrou seu intento, e sob as vistas dos amigos pediu que ele dividisse a palavra com a intimidade anônima dos seus leitores de "Letras e Artes". Neste preâmbulo deve constar a impressão do repórter que achou José Lins do Rego mais silencioso, mais contido mesmo, apesar de que seu contato ainda irradiava a mesma simpatia humana que sempre o marcou. Ele negou, como tremeram, a ação profunda dos anos, porém, é certo que as anotações do repórter captaram nas palavras de Zé Lins e no modo de dizê-las uma impressão qualquer, vagamente definível como nostálgica... o que já não se justificaria em quem já matara saudades.

RESPOSTA AOS 50 ANOS

A pergunta inicial com que abrimos a entrevista foi de interesse muito pessoal para o autor de "Água mãe". Ele teria lido e visto com atraso as

comemorações que aqui foram feitas pelo seu cinquentenário. Não pudera responder com a presença aos agrados dos amigos e do público. Apenas os companheiros do C. R. Flamengo tiveram o privilégio de saudá-lo e receber o troço. Porém, a reportagem devia ao público uma resposta de José Lins como também algumas de suas impressões sobre a viagem que ele vem de fazer pela Europa. A pergunta foi seca:

— Como o sr. enfrenta os 50 anos?

— "Encaro os 50 anos como se fossem os meus 20. E para que dar cor de drama ao pesar dos anos? Eles pesam de verdade mas não tanto que me façam coreunda."

— Mas, completados lá na Europa, como foram, não o entristeceram?

José Lins do Rego responde: — "Estava em Copenhague e apesar de saber que o peso dos anos é um fato, o que me preocupava era a saudade dos parentes, dos filhos ausentes, dos amigos queridos."

E, falando, Zé Lins olhava para o grupo próximo. Mas, era preciso saber, literariamente, como José Lins sentia sua entrada nessa idade que, entre nós, pela força das comemorações, vem se tornando auspiciosa, pressagiosa, e até interpretada:

— "Literariamente, responde-nos — eu me sinto como se estivesse nos primeiros tempos. Como um estreante sem-

pre. Sou sempre um estreante e nunca me sinto na posse de nenhuma maestria." O repórter obstou, no entan-

to, que há quem o considere mestre. Ao que o romancista retrucou:

JONES ROCHA

— "Os mestres são o homens mais aborrecido do mundo, e eu sempre

quero ser um simples discípulo. Nada mais que um homem que aprende constantemente da vida. Um aluno vadio, pode di-

zer. Mas os mestres que por mestres sejam lidos e entendidos. Sou apenas um moço. "um menção" como disse o Luiz Jar-

dim, e a cada momento tremo de susto à opinião dos outros."

A EUROPA PARA UM TELURICO

Toda gente sabe que José Lins do Rego é, em seus temas e no tratamento deles, no sentimento e na expressão sobretudo, um homem e um escritor de força nativa. A isso chamam telurismo. Por outro lado, a Europa é o núcleo da cultura, o centro espiritual de mundo. Interessante saber como reagiu o "menino de engenho" dos sertões de Pernambuco perante a secular experiência europeia.

— "Falo primeiro da Suécia que é um país que não teve Idade Media. Lá não existe nenhuma espécie de tabu referente ao sexo, e isso diz muito. Mas existe um interesse absoluto pela vida do homem que como homem tem de viver no seu tempo. Lá os artistas são os maiores homens do país. E' de ver-se como em qualquer parte os hotéis, por exemplo, são cuidados como obras de arte, onde os mármore, as porcelanas e os quadros são cuidados como o mais essencial."

— E a França? — interrompem.

— "Na França, diz José Lins do Rego, encontrei o debate acerca da ultima peça de Sartre. Mas

na França tudo pode "existir" como manifestação e provocando debates sobre os problemas da vida, sem muros e preconceitos intransponíveis. Os franceses mais opostos se encontram em Montaigne, em Pascal, em Racine, sem que entre eles existam os muros intransponíveis. Há uma lingua geral na França, que é a lingua do espirito."

— E Portugal?

— "E' o país mais próximo de minha sensibilidade. E' terra e gente que estão no meu sangue. Fui bastante impressionado pelos estudantes de Coimbra, e trago de lá as melhores lembranças dos homens de letras."

A OPINIÃO DE UM AMIGO

Dentre as opiniões que foram dadas sobre a obra de José Lins do Rego, a propósito de seu cinquentenário, a de Graciliano Ramos foi por nos lembrada, não por tratar-se de um elogio — o que seria vulgarmente absurdo partindo de quem partiu, — mas de verdadeira opinião. "José Lins é o único romancista realmente brasileiro", Graciliano nos dissera. Qual seu pensamento? — interrogamos o autor de "Bangué".

— "Em Graciliano as opiniões brotam do coração, por mais que ele queira esconder. Da coração que é o maior que conheço. E foi pelo coração que ele fez seu juizo. Uma vez ele me disse que me considerava um dos seus poucos amigos. Ai está todo Graciliano. E' meu amigo, e eis tudo."

Logo a roda de amigos e o compromisso de falar dai a dez minutos numa emissora apresentaram o fim da entrevista.

— "You ali e já volto, Gilberto." E foi falar no radio, sobre sua viagem à Europa.

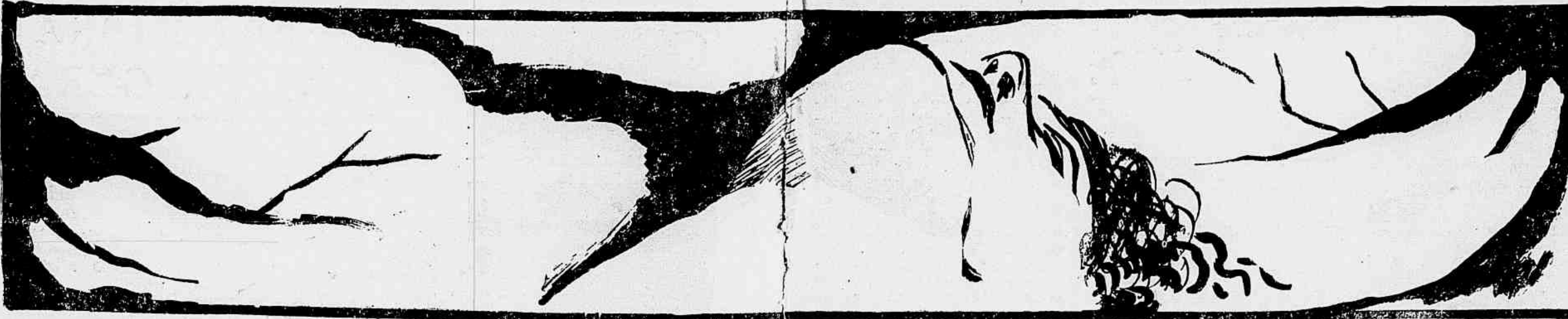


Ilustração de SANTA ROSA

ODE À MORTE ABSOLUTA

SE EU FOSSE CONSELHEIRO, SE EU FOSSE MORALISTA, DIRIA A TODOS OS HOMENS QUE A SOLUÇÃO É O SUICIDIO. O SUICIDIO SEM DEIXAR VESTIGIOS. O SUICIDIO COMPLETO, SEM CARTA, SEM APRESENTAÇÃO, SEM TEORIA, SEM ANUNCIO NO JORNAL, SEM LITERATURA, SEM POESIA, SEM CRETINICE. EU APREGOARIA O SUICIDIO SEM AMOR A VIDA, SEM AMOR A MORTE. EU APREGOARIA O SUICIDIO PELO SUICIDIO O SUICIDIO DO ANACORETA. O SUICIDIO DAQUELES MISTICOS DE OUTRORA. O SUICIDIO IMPOSSIVEL. DAQUELES MISTICOS DE OUTRORA.

NAO DIRIA, AOS HOMENS QUE ME CERCAM DE MENTIRAS, QUE HA A BONDADE, O AMOR A COMPREENSÃO, A DOR E O PRAZER... EU DIRIA, AOS MEUS AMIGOS, MENTIRAS DESACREDITADAS POR MIM E POR TODAS AS CRIANÇAS INOCENTES.

EU NAO DIRIA COISAS EM QUE EU NAO ACREDITO. MAIS DO QUE ACREDITO EM MIM MESMO. EU DIRIA QUE NADA DISSO EXISTE REALMENTE, COMO EU TAO POUCO EXISTO, COMO TAO POUCO EXISTE VOCE, COMO TAO POUCO EXISTE A VIDA, COMO TAO POUCO EXISTE A MORTE, COMO TAO POUCO EXISTE UM DEUS MISERICORDIOSO.

EU FALARIA DE COMEMORAÇÕES PARA SEMPRE IDENTICAS. EU FALARIA DA SEMANA SANTA, DO CARNAVAL, DA IGREJA CATOLICA GREGA, E FALARIA TAMBEM DA SANTISSIMA TRINDADE DO CEU E DO INFERNO. DOS PECADORES E DOS VIRTUOSOS, DOS OPRIMIDOS E DOS OPRESSORES, DOS MORALISTAS E DOS IMORALISTAS, E FALARIA, ACIMA DE TUDO, DE NOS MESMOS, MORALISTAS E IMORALISTAS, VIRTUOSOS E OPRESSORES.

EU NAO FALARIA DO QUE NOS ESPERA NUMA OUTRA VIDA FUTURA. NAO FALARIA DOS TEUS PECADOS, NAO FALARIA DOS MEUS PECADOS, NAO FALARIA DOS NOSSOS APETITES, NAO FALARIA DAS NOSSAS DEPRAVAÇÕES. EU FALARIA, SOMENTE, DE TUDO QUE NAO TIVEMOS. FALARIA DOS DESEJOS IRREALIZADOS E DE TODAS AS SEDES INSATISFEITAS, FALARIA DOS NOSSOS DEFETOS E DE TODAS AS NOSSAS PEQUENAS VAIDADES. MOSTRARIA QUANTO O HOMEM É GRANDE, QUANDO POSSUI DEFETOS E PEQUENAS VAIDADES. MOSTRARIA QUANTO O HOMEM É GRANDE, ACREDITANDO EM DEUS, SEM ACREDITAR EM NINGUEM

SIM, SEU EU FOSSE CONSELHEIRO, INDUZIRIA TODOS OS HOMENS AO SUICIDIO. NAO EXISTE OUTRA SOLUÇÃO, SE NAO O SUICIDIO. O SUICIDIO MAIS COMPLETO, SEM DEIXAR VESTIGIOS, SEM PROCURAR SOLUÇÃO.

(Do livro em preparo; "O Tempo do Cansaço")

“MURAL”

HAROLDO BRUNO

O LIVRO do sr. Saldanha Coelho é uma aventura no melhor sentido e sob certos aspectos fundamentais do gênero — o da estrutura, o da forma e estilo, mas, principalmente, do ponto de vista especial da sua concepção dramática. De um lado, nota-se muita liberdade nos contos enfiados em “Mural”, e, de outro, uma submissão a alguns processos e truques que fizeram a grandeza de certa corrente do conto universal desde Tchecov.

Submissão, e não desvirtuamento, pois evidentemente não me refiro a esse malentendido da ficção impressionista, a qual, entre nós, por excesso ou uso indevido da noção de unidade condicionada à duração interior — vertente bergsoniana da estética moderna — acabaria, muitas vezes, transformando o conto em simples crônica ou relato resumido de situações não suficientemente elaborada, nem devidamente fixadas em suas implicações, traduzindo-se, entre outras manifestações plausíveis pelo temor da narração — como se narrar fosse sempre contar uma “história” no sentido convencional. Prova disso não será o fato de mais de um jovem contista, provavelmente influenciados também pela imagem cinematográfica, só conceberam o conto como “flagrante”? Sem dúvida o gênero é incompatível com o desdobramento analítico, com a meticulosidade descritiva, através dos quais, nem sempre por imprudência à minúcia esclarecedora, vemos pseudo-romancistas se dispersarem na maneira de urdir a trama e tirar-lhe o efeito correspondente. Retratando uma situação contornada, deve ser ele rápido e decisivo, com um toque de coisa objetivamente revelada. Daí ao laconismo, à síntese ambígua da impressão, à linguagem por vezes hermética — tal passagem é duvidosa, como exemplificariam muitas das páginas intencionais do sr. Dalton Trevisan e alguns trabalhos menos expressivos dos srs. Manuel Ferreira (“País das águas”), José Carlos Cavalcanti Borges (principalmente com “Nebilina”) e do admirável contista que é para todos nós o sr. Murilo Rubião.

Bem verdade é que um ou outro conto do sr. Saldanha Coelho, os mais identificados com aquela consciência instantânea da fluência, rompem tão formalmente com o tempo contínuo e até com os estratos sutis e perpostos da experiência, que o leitor menos perspicaz poderia julgar-se enganado. Em torno da circunstância que a perspectiva exterior do quadro invariavelmente limita, a imaginação do escritor empreende porém uma curva que, partindo de um dado ponto da vida de qualquer personagem, volta inesperadamente a ele, para esclarecer pela associação de evocações o que apenas ficara esquecido. Dentro da estrutura, não de simultaneidade, mas da conjugação e intercalada de presente e passado, completa-se, deste modo, um ciclo do estado psicológico que pôs em relevo. Em “Mural” quase nada — apenas o mais ou menos necessário para conservar o elemento da sugestão poética imprescindível ao estilo impressionista —, daquele vago tecido de sensação em que se perde a idéia da ação objetiva, e se torna tão difícil evitar numa forma de conto que, já de si mesma, possui tanto da crônica dramatizada como da ficção estereotipada.

A subordinação a que me referi mais acima reside, em poucas palavras, na incidência da imagem poética, na solução pela “suspense” (outro recurso que o comentarista poderia situar no domínio da cinematografia), no propósito deliberado de oferecer uma representação viva através de um estranho processo que chega, não raro, a transformar o cotidiano pro-

salco em criação singular, complexa, incongruente. Se o equilíbrio dessas características, quase todas elas inseparáveis da sensibilidade impressionista, pode realmente levar a uma visão muito mais móvel e sugestiva, como denota a maioria dos contos de “Mural”, não há negar que a intenção do fim visado, que é sobretudo a naturalidade da emoção, resulta visivelmente contrariado, como em “Joana” em que o sentimento da frustração no amor, confundido um pouco com o da esterilidade, inspira o autor a engendrar um expediente grotesco: o simulacro da gravidez. Não se recrimina o recurso em si mesmo, mas em função da personagem e da atmosfera criada, porque em outros casos ele seria perfeitamente aceitável, sobretudo quando houvesse o intuito do “humour”. Há aqui, todavia, uma distinção fundamental a estabelecer: a complexidade algumas vezes pouco autêntica, real, comunicante, de que se revestem alguns contos do sr. Saldanha Coelho (dos treze do volume, seis têm como tema a loucura, a perda radical ou parcial da

razão, e três ou quatro exploram estados mais ou menos mórbidos) pode dizer-se que deriva rigorosamente dessa sujeição aos postulados impressionistas? E’ apenas um problema de técnica, de estilo, ou antes de concepção dramática pessoal? Os elementos da corrente ressaltam por certo o que o livro tem de atmosfera viciada, dando-lhe uma aparente densidade trágica e poética bem dissociável de seu verdadeiro fundo dramático.

E’ preciso, realmente, para surpreender o extraordinário poder do sr. Saldanha Coelho em dramatizar, romper o envólucro, hábilmente construído, da forma e da expressão em seus mais ostensivos feitos intelectuais, indo buscar a força do escritor na sua espontaneidade. Tal procedimento, aliás, em termos bem mais amplos, não seria descabido no caso da própria Katherine Mansfield, cujo nome é obrigatório aparecer no pórtico de qualquer nota sobre esse grupo de contistas brasileiros, que se arremetam, declaradamente em alguns casos, na linha do nosso impressionismo, e cuja obra,

na sua inigualável transparência psicológica, apresenta toda uma alquimia de reflexos. O nome da autora de O “Garden-Party”, sugerindo uma proximidade, realça ao mesmo tempo uma divergência importante a assinalar entre os contos do sr. Saldanha Coelho e a técnica da notação, da dissimulação dos mestres consumados do impressionismo. Segundo parece exigir a vivência da impressão, tudo em Katherine Mansfield ou em Tchecov é insinuativo, intermitente, fugaz, fruto de uma gama de sentimentos os mais dispares. Certo estado perdura pela sua superioridade qualitativa sobre outros estados em jôgo; o “humour” e até o cômico desempenham neles papel importante. No sr. Saldanha Coelho a direção está tomada desde o início, e é para o dramático sem contradição sem malícia.

Vê-se, por aí, que seu impressionismo diz muito mais respeito à forma, tendo dessa tendência os atributos essenciais, como sejam a descontinuidade da narração, a ausência de “Plot”, o movimento, a reite-

O trágico — eis a grande característica e o ponto mais passível de controvérsia dos contos agora reunidos em “Mural”.

Que é o trágico em literatura? Não tenciono, leitor, obrigá-lo a uma embaraçosa definição, mas acredito que, embora exista o gênero denominado tragédia, o trágico não são mais que formas de percepção; nenhuma outra categoria literária é mais relativa e está sujeita a uma escala tão variável de graduações. Escreveríamos, com João Ribeiro, que o trágico, sendo expressão da antinomia entre a vida e a morte, “é mais forte que a morte”. “No seu estudo Sobre o Patético diz Schiller, e sem nenhum intuito de paradoxo, que o fundamento do trágico, como vulgarmente se poderia pensar, não está no dor nem no sofrimento, por mais atrozes que pareçam ou se afigurem, mas na alegria da vida e na força e energia dela” — escreve o mestre das “Páginas de Estética”. Para existir o trágico, como feito, é preciso que haja conflito, negação e afirmação da vida. Dêsto modo, dentro da expressão estética, criar tragédia seria viver superando o aniquilamento, e viver-se tanto mais intensamente quanto é maior a agonia, para falar como Unamuno. Evidentemente não foi esta consciência do trágico no sentido da verdadeira integração à vida o que teria levado o sr. Saldanha Coelho a escrever um livro onde o infortúnio massacrava as criaturas. Embora o seu trágico ofereça a visão totalizadora, ele não fortalece, não espiritualiza, não edifica. Longe estamos da tragédia da existência, mesquinha ou grandiosa, interior ou material, inspirada, não nos padrões da normalidade, mas no senso comum, na constância humana. O elemento trágico de “Mural” consiste na exortação do irregular, do excepcional, do abusivo, portanto, na forma mais aguda e direta da tragédia, e que, em alguns autores mais naturalistas no seu modo de observar, chega a adquirir um aspecto clínico. Isto significa, todavia, que seja menos pura? Ao trágico religioso, ao metafísico, ao moral, àquele produzido pelas aliações sociais, não é lícito a juntar, na mesma importância, o patológico? Se, dentro deste raciocínio, é certo que o trágico pode originar-se de circunstâncias mórbidas, para ele atingir uma elevada expressão, necessita, no entanto, despojar-se de todo artifício grosseiro. E é de se notar como o autor de “Mural” empresta aos seus temas, de preferência versando estados anômalos, uma intensidade que supera toda a mescla com a morbidez, procurando, por exemplo, transfundir a loucura em lucidez psicológica ou poética e criar, neste rumo, individualidades poderosas. Consegue, por vezes, e não digo sempre porque como que a intenção de retrair muito ao vivo as figuras, vai, em um ou outro caso, até à deformação dos seus traços mais simples. Mas tipos como o Cartola ou a Mulher do Comerciante definem definitivamente a vocação

(Conclui na 10.ª página)

-- LIVRO E' PARA VENDER E NÃO PARA DAR.

Fala a LETRAS E ARTES o romancista Gasparino Damata, cujo livro de estréia acaba de ser lançado — Um pouco da história de um ex-marítimo que se tornou romancista e reporter

ACABA de ser lançado pela Editora “O Cruzeiro” o primeiro romance de Gasparino Damata, “Queda em Ascensão”, uma estréia sem dúvida auspiciosa, e que vem marcar um fato inédito na história literária do país: o surgimento do escritor meio proletário, que não estudou em Academias superiores nem fez literatura de “gabinete” como é bastante comum aqui entre os nossos escritores jovens e velhos. Tendo servido vários anos na Marinha Mercante Internacional, trabalhado a bordo de navios mercantes americanos, ingleses e nórdicos, e percorrendo numa jornada bastante aventureira as pequenas e Grandes Antilhas, Gasparino Damata, depois de trabalhar dois anos como intérprete no cais do porto do Rio, começou a exercer a profissão de repórter nas revistas “A Cigarra” e “Revista do Globo”, onde até o presente continua firme, em franca atividade

O ROMANCISTA E A OBRA

Prefaciado por Roberto Alvim Corrêa e bastante elogiado por aqueles que leram os originais do romance, está “Queda em Ascensão” destinado a ter uma carreira literária e comercial bastante auspiciosa, mesmo numa época considerada difícil para a vendagem de livros:

— Confio no meu romance, pois ele tem tudo que o leitor comum pode desejar: aventura, audácia, problemas da atualidade e, sobretudo aquilo que falta aos meus companheiros de geração: coragem para narrar e ser coniventes com os fatos e os problemas vividos pelos seus personagens. Estou plenamente satisfeito com o primeiro livro que escrevi; tem defeitos leves, que eu mesmo posso apontar mas escrevi-o quando mal acabara de sair da Marinha Mercante e sem nenhum traquejo literário, descobrindo quase que completamente os autores que me pod-

riam ajudar, esclarecer meus problemas, concorrer para a melhoria do meu estilo literário.

Gasparino Damata é frequentador assíduo do Verme-



Gasparino Damata

Ihinho (antes era dos bares da praça Mauá, isto quando trabalhava no cais); movimenta-se de um lado a outro, meio nervoso e responde ao repórter:

— Dou grande importância ao sucesso financeiro do meu primeiro livro, pois escrevi um romance para ser vendido e não para ser distribuído aos amigos. Sou um sujeito pobre, muito honesto e bastante comprometido; dispensei plenamente elogios supérfluos e glórias literárias “de encomenda”. Quem for meu amigo que procure me ajudar, comprando um exemplar do meu livro, recomendando-o a pessoas sérias e de bom-gosto que ficarei plenamente agradecido.

LIVROS EM PREPARO

Remexendo numa pasta velha, o romancista procura umas anotações; diz para o nosso repórter com os olhos em cima do papel e a fala rápida, nervosa, que lhe é peculiar:

— Esperei mais de três anos para ter meu primeiro romance publicado; posso, portanto, esperar muito mais. Tenho o meu “Log-book”, livro cujos primeiros capítulos foram publicados no suplemento de o “Diário Caroca”, a pedido de Prudente de Moraes, neto. Está quase pronto e receberá o título comercial de “A Sobra do Mar”; isto é, o primeiro volume, pois, pretendo continuar viajando e escrevendo o resto... Tenho também um livro de novelas e, dentre elas, duas que pretendo transformar em romance. Espero continuar fazendo reportagem para as revistas que me acatam; nada de empregos públicos comigo! Estou com uma viagem marcada para os países nórdicos — Suécia, Noruega e Dinamarca, onde me demorarei um bocado de tempo, se Deus quiser. E’ um sonho que venho alimentando há anos e que só agora parece que poderei realizar... Preciso viver, pois não sou como o rapaz que perguntou para outro: “E que tem a vida com a Literatura?” Para mim tem muita coisa, sendo que considero a vida importante, muito mais importante do que a literatura; ela estará sempre em primeiro lugar!

ACABA DE SAIR O 2.º FASCÍCULO DO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS & LATINO

— DE —

Pe. RAFAEL BLUTEAU

Em suplemento da revista “Idéias e Livros”

Número avulso Cr\$ 4,00

” atrasado Cr\$ 6,00

Assinatura de 24 números Cr\$ 120,00

Em todas as boas livrarias do país e na

ORGANIZAÇÃO SIMÕES

RUA MEXICO N. 31 — SALA 304 — RIO

Só se atende, pelo reembolso, pedidos de assinaturas.

CARTA DO BRASIL ★

(Para LETRAS E ARTES, e "Libros de Hoy", de Buenos Aires)

FRANKLIN DE OLIVEIRA

A PESAR do marasmo em que submerge a criação mental no Brasil, determinando o quase desaparecimento de alguns gêneros literários como o ensaio, a ficção continua a criar as possibilidades reais não só de superação desta crise como, também, de renovação dos quadros literários nacionais. Ainda agora reaparece, em nova edição, (redação definitiva), o romance do Sr. Herberto Sales "CASCALHO" (Edições "O Cruzeiro", 1951, Rio), que é o primeiro grande depoimento sobre uma área humana e uma paisagem social até então incorporadas à literatura brasileira de ficção: as regiões dos garimpos. Como o diamante, o romance é duro, e corta. Mas não é só este aspecto de autenticidade ecológica que dá validade a "CASCALHO", fábula bárbara que condensa o magma do ódio e da violência. Se a concreção sociológica que aqui se estabelece revela, no autor, uma consciência de pesquisador austero, é preciso reconhecer que a minuciosa elaboração de todo o material romanesco foi presidida por um severo senso estético não muito observável nos ficcionistas e, em geral, nos escritores novos do Brasil. Este senso arquitetônico da novela mostra-se não só na estrutura do livro (construção do romance), como ainda, mais particularmente, na textura literária de "CASCALHO", na índole de sua composição semântica, seus filamentos filológicos. São, mais

do que a sondagem social, ou a pesquisa ecológica, a frase, o senso da palavra, a medida vocabular e a ordem sintática que "salvam" o livro. E, enfim, ao lado de uma técnica de fabulação imprevisível, a problemática do estilo resolvida em termos de forma artística e de valor estético que concede importância ao romance. Sem esta mentalidade estilística a determinar e disciplinar a realização integral do livro, teríamos talvez, um excelente documentário, uma viva reportagem, mas, de maneira alguma, poderíamos estimá-lo como romance. "CASCALHO" atinge, porém, as dimensões da novelística.

— OUTRA REEDIÇÃO destinada a repercutir com a força de uma poderosa estréia (apesar de duas edições anteriores o livro não chegou a outros centros que não fossem os do Sul do Brasil), é a de "SAGARANA", coleção de novelas de Guimarães Rosa. Emana, deste livro, uma força mágica: escrevendo novelas, o autor atingiu o verdadeiro nível mítico. Suas histórias descrevem-se como parábolas. E' no Brasil, sem restrição, o livro mais seria-

mente escrito e pensado. Quando de sua primeira edição, a crítica perturbou-se com ele. Salientou, sobretudo, sua riqueza vocabular, de estrutura múltipla, na qual as palavras associavam-se nas combinações mais surpreendentes. Todavia, não se estava só diante de um autor visual, volutuoso da música verbal, ou de um imaginário, mas, também, de um criador intelectual que nunca deixou de comunicar densa substância mental às suas mais estranhas invenções artísticas. Lidando com o cósmico e o humano, o Sr. Guimarães Rosa cria um idioma mítico cuja presença se assinala no uso das onomatopéias e assonâncias empregadas como técnica de elaboração de um novo pensamento, de uma espécie de lógica simbólica, de signos de expressão e significação que se desdobram ilimitadamente — até o limite que lhes traça a capacidade mental de cada leitor. Cada um vai ou fica, no livro de Guimarães Rosa, com a flama que Deus lhe deu. (A nova edição de "SAGARANA" será da Livraria José Olímpio, Rio).

— DENTRE OS IMIGRAN-

TES que a última guerra drenou para o Brasil, queremos crer que, num futuro bem próximo, guardar-se-á um nome: o da Sra. Livia Gasbarra.

Quando esta escritora europeia emergir da pesquisa submarina que anda realizando na onda fluída do novo idioma que há de ser instrumento de expressão, não tenho receio de afirmar que sua contribuição à literatura romanesca do Brasil será de grande importância. Contribuição, sobretudo, no terreno onde se plantam mais debéis as raízes da nossa literatura, seja a de idéias, seja a de ficção. Este terreno é o da criação ecumênica. Se a do alguma coisa grave padece a cultura do Brasil é da carência humanística e da falta de dimensão universal. Pelas suas vivências humanas, geradas num clima europeu paradigmático, por ser a própria atmosfera da grande crise da civilização ocidental, a Sra. Livia Gasbarra tem possibilidades de ajudar-nos a criar o nosso universalismo estético. Não um universalismo de importação, montado na lombada dos volumes estrangeiros, mais ou menos fil-

trado na alfandega dos intercâmbios livrescos, mas de um outro, muito mais autêntico e essencial, porque existencialmente vivido. Universalismo de que participam experiências vitais e não seja simples assimilação, resultante de um processo de fecundação teórica.

— O "CORREIO DA MANHA", grande jornal da vida republicana brasileira, comemorou seu cinquentenário com uma série de suplementos onde autores e técnicos fizeram o balanço deste meio-século, no Brasil e no mundo. Das colaborações especialmente escritas para o grande jornal e que constituem honra insigne para a imprensa brasileira, deve-se destacar o ensaio de Karl Jaspers sobre "As Transformações do Ocidente"; o estudo de Arnol Toynbee versando "O Aniquilamento da Distância" e "Inventários e Diagnoses", em que o crítico brasileiro, Sr. Otto Maria Carpeaux, procede a uma lúcida e aguda revisão dos exegetas da crise contemporânea.

* Convidado especialmente, o escritor Franklin de Oliveira está redigindo, para "Libros de Hoy", importante revista de bibliografia e informação literária de Buenos Aires, seção em que comenta a vida das letras brasileiras. Esses comentários aparecerão mensalmente, sob o mesmo título, neste suplemento.

NOTÍCIAS DA PRIMEIRA BIENAL DO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO

O MÉXICO PARTICIPARÁ DA BIENAL DE SÃO PAULO

A notícia da adesão mexicana à Bienal de São Paulo, foi recebida com a mais viva satisfação pelos círculos artísticos do México e do Brasil. Apesar da inegável boa vontade manifestada por ambas as partes, as negociações relativas ao assunto encontravam-se dificultadas pelo fato de já ter o México se comprometido com outras exposições no exterior, justamente pelo período de tempo em que se realizará a Bienal. Os críticos e artistas brasileiros nem por isso se resignaram a aceitar a ausência dos pintores mexicanos — a que estão ligados por laços de amizade e por inúmeros contactos — nessa manifestação que se delineia, sem dúvida, como o maior de quantas se realizaram no continente até o dia de hoje. Assim, unindo os próprios esforços aqueles desenvolvidos pela Bienal, dirigiram-se ao Presidente Aleman, na certeza de encontrar no Chefe do Governo Mexicano, que sempre procurou incrementar as artes, compreensão e apoio valioso.

E, de fato, em recente comunicação telegráfica foi comunicado que o Presidente da República Mexicana baixou instruções aos órgãos governamentais competentes para que o México participe da Bienal de São Paulo. Dentro de poucos dias serão portanto conhecidos os nomes dos artistas escolhidos para representar a nação amiga.

Com outro elemento de particular interesse contará a Bienal na próxima semana, quando lhe chegar a resposta relativa à adesão do grupo de pintores de Cuba.

DELEGAÇÃO SUIÇA

A Comissão encarregada pelas autoridades federais helvéticas de selecionar as obras que se integrarão na representação suíça à Bienal de São Paulo, já deu por finda a sua incumbência. De acordo com a primeira comunicação recebida pela Secretaria da Bienal, ficou assentada a remessa de cerca de 50 obras dos seguintes pintores: Sophie, Tauber Arp, Walter Bodmer, Otto Tschumi, Le Corbusier, Leo Luppi, Louis Mollet, Claude Loewer, comparecendo também escultoras de Alberto Giacometti.

HOLANDA E BELGICA CONFIRMAM AS ADESÕES

Através de comunicação oficial do Ministério holandês da Instrução, Artes e Ciências, foi dado a conhecer que a Holanda enviará à Bienal de São Paulo, cerca de 50 obras cujos característicos serão divulgados proximamente. A Holanda oferecerá certamente também uma contribuição preciosa à Exposição Internacional de Arquitetura.

O professor Emile Langul, encarregado pelo Governo Belga de superintender à formação da representação daquele país, informou à Bienal que atingirão provavelmente a 90 o número de



Linogravura de YLLEN KERR

Realiza-se, atualmente, no Museu de Arte Moderna de S. Paulo, a exposição de gravuras do nosso colaborador Yllen Kerr.

O sucesso alcançado pelo jovem gravador que ora faz a sua primeira mostra individual, vem da qualidade de sua obra, do trabalho em prol de uma técnica ajustada aos materiais de que se utiliza.

Assim, o nosso ilustrador conquista honestamente lugar de destaque em nosso meio artístico, seguindo o rumo conscientemente traçado por seus mestres Oswaldo Goeldi e Lívio Abramo.

A crítica paulista, ocupando-se das obras de Yllen Kerr, tem louvado a sua exposição como dos melhores acontecimentos de arte.

obras enviadas de Bruxelas. Além de participar da Exposição Internacional de Arquitetura é a Bélgica ainda considerada como um dos concorrentes mais interessantes ao Festival Cinematográfico, ao qual pretende apresentar-se com uma série de filmes recentes sobre arte.

O JAPÃO ENVIARÁ 30 DESENHISTAS

Parece definitivamente assentada a participação nipônica à Bienal, pois a secretaria já recebeu informações de que serão enviadas as obras de 30 desenhistas modernos. Cogita-se atualmente em Tóquio da possibilidade de integrarem o grupo de artistas japoneses, alguns pintores jovens que já se impuseram à atenção da crítica internacional.

O Japão comparecerá também à Exposição Internacional de Arquitetura com dois dos seus melhores arquitetos, não se podendo também afirmar que não venha o novo cinema nipônico concorrer no Festival do filme sobre arte.

LISTA ATUAL E PROVISÓRIA DE PREMÍOS

A série dos prêmios até o presente momento assegurados à Bienal de São Paulo — que será completada nas próximas semanas, permitindo assim à Direção da Bienal proceder à sua definição e especificação — é a seguinte:

Prêmio Atilio Corrêa Lima, instituído pelo Governador do Estado de São Paulo	Cr\$ 100.000,00
Prêmio Federação das Indústrias de São Paulo	Cr\$ 100.000,00
Prêmio Jockey Clube de São Paulo	Cr\$ 100.000,00
Prêmio Banco do Estado de Paulo S. A.	Cr\$ 100.000,00
Prêmio Metalúrgica Matarazzo S.A.	Cr\$ 100.000,00
Prêmio Museu de Arte Moderna de São Paulo	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Banco Moreira Sales S. A.	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Moinho Santista	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Fulvio Morganti	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Companhia de Seguro e Capitalização do grupo Sul América	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Jafét	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Candido Fontoura	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Ramenzoni	Cr\$ 50.000,00
Prêmio Lanzara	Cr\$ 30.000,00
Prêmio Bonfiglioli	Cr\$ 30.000,00
Prêmio Companhia de Seguros da Bahia	Cr\$ 30.000,00
Prêmio "A Equitativa"	Cr\$ 30.000,00
Prêmio "Boavista de Seguros"	Cr\$ 25.000,00
Prêmio Gessy	Cr\$ 25.000,00
Prêmio Francisco de G. Spina (Nadir Figueiredo S.A.)	Cr\$ 25.000,00
Prêmio Toddy do Brasil S.A.	Cr\$ 25.000,00

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

Conto de GUIDO WILMAR SASSI

GANHOU-o em meados de março, no dia dos seus anos. Recebeu-o na loja onde trabalhava, junto à caixa registradora. Ali trocavam seus bilhetes e recados, combinando também, à meia-voz, os futuros encontros. Aristides disfarçou, fingindo, como sempre, bisbilhotar os preços. Depois, comprando uma bagatela qualquer, deu-lhe o dinheiro para trocar. E aproveitou a ocasião para lhe passar o objeto. Benta empalmou-o com destreza, fazendo-o deslizar para o bolso do guarda-pó. Abriu o pacote num momento de folga. Extasiou-se muito ante a beleza da jóia: um lindo relógio-pulseira, todo de ouro, de marca afamada.

Chegando em casa, surgiu o problema de como mostrar o presente a Jair. Como explicar a sua posse? Dizer que o havia ganhado de uma amiga? Não, não servia. Que o achara? Também não. E nem que o havia comprado. De que jeito? Pois se o que ela ganhava mal dava para irem vivendo, o orçamento doméstico sempre deficitário. Um presente e tanto! Sim, mas inútil — não poderia usá-lo, não lhe seria possível explicar a presença de uma jóia tão cara numa casa tão modesta. Escondeu-o provisoriamente, pensando num estratégia. Achou-o. Precisava ir preparando o espírito do marido. Dir-lhe-ia que, necessitando de um relógio, ia tentar fazer economia, restringir as despesas, a fim de adquirir um. Sim, era o que devia fazer, a melhor solução, por enquanto.

Quando saíram a passear, numa das noites seguintes, passaram diante de uma joalheria.

Benta viu alguns relógios iguais ao seu. Apontou-os, dizendo: — E' daqueles que eu vou comprar.

— Qual será o preço? — indagou Jair.

— Um conto e quinhentos — inventou ela.

E passou-se o tempo. Sempre que se apresentava a oportunidade, Benta, com o fito de trazer o marido sempre de atenção prevenida, falava sobre relógios. E rematava:

— Ainda hei de possuir um. Igual àqueles da "Joalheria Carvalho".

— Você continua com as economias? — indagava etc. — Quanto já juntou?

Ela dizia a importância. Importância fictícia, é claro, porque não conseguia economizar coisa alguma. Fingia estar ameaçando os cobres, somente. Mas, assim mesmo, fingindo, a quantia demorava a crescer. As vezes eram as doenças de Julião que lhe atrapalhavam os planos, outras os gastos com o dentista, o armazém, as contas em atraso. As "economias" não podiam crescer depressa. Não poderia fazer milagres — Jair sabia quanto ela ganhava. Ah! havia também os pedidos dele. Chegava-se, meloso e terno, abraçando-a: "Bem, estou com um negócio em vista,

sube? Será que você não me arranja uns duzentos cruzeiros?" Com que cinismo ele dizia aquilo! Benta sabia qual era o "negócio". Desempregado logo depois do casamento, Jair vivia tentando expedientes, arriscando no jogo, quando podia. Era feliz, às vezes. Ganhava, pagava as dívidas. Depois, depois era sempre assim — a eterna história do jogador, alternando o azar com a sorte, a riqueza efêmera com a quase miséria. Enquanto isso, a mulher que sustentasse a casa.

Em agosto, Jair lhe perguntou em quanto ia a soma que tinha guardada. Ela respondeu:

— Selscentos.

Ele aplicou o velho golpe, pedindo-lhe que lhe emprestasse aquele dinheiro para umas transações que desejava fazer — negócio certo, garantido. Benta se negou a atendê-lo. Impossível, mesmo, pois se não guardara nada. Jair zangou-se, armou uma cena. Discutiram e ela foi dormir com mais um problema. Mais aquilo, ainda. No dia seguinte, pediu um vale ao patrão. E a sua "reserva" para a compra do ambicionado relógio ficou reduzida a zero. Recomeçou, outra vez.

Desde então, para evitar novos atrapalhos daquela natureza, ela não mais lhe disse quanto havia

reservado para a cobiçada compra.

Foi-se o ano. Quando março veio, novamente, ela achou ainda demasiado cedo para ostentar a jóia. Nas horas em que ficava só, Benta retirava o relógio do seu esconderijo. Dava-lhe corda. Colocava-o no pulso. E se lembrava do amante. Há tempos que não falava com Aristides. Ele se encontrava fora, em viagens. Fora o seu namorado de infância, o pretendente que merecia a aprovação da família. Se fosse casada com ele, poderia usar lindas jóias, roupas finas, ter tudo o que quisesse. Mas aparecera Jair, mais persuasivo, mais atraente. Casara-se com ele, contra a vontade dos pais. E sua vida era essa: sustentar a casa, arranjar dinheiro para o marido esbanjar no jogo, passar fome, quase. Alguns anos depois de casada, encontrando-se com o antigo namorado, reataram a amizade. E daí passaram à troca de olhares, de bluetinhos — coisas platônicas. Mas não ficaram nisso. Em breve, marcaram o primeiro encontro. A ligação já durava quatro anos. E as privações continuavam. Repugnava-lhe pedir dinheiro ao amante. Não era dessas. Presentes, sim, estava certo que recebesse. Contudo, nem esses lhe era permitido usar. Oh! vida! E repartia o seu amor entre o marido

e o amante. Ah, se não tivesse o filho...

Passou-se março, abril, maio e junho. Descobriu que Jair andava vasculhando debaixo dos colchões, atrás dos quadros, no fundo das gavetas. Procurava dinheiro. Mas ela ficou alarmada. E se ele descobrisse o relógio? Viveu muito tempo sobressaltada, trocando diariamente de esconderijo, não achando nenhum que servisse.

Dois anos se passaram. Março, outra vez. Quando novamente ela festejou seu aniversário, ele felicizou-a:

— Parabéns, benzinho. Você já juntou o tanto suficiente para comprar o relógio?

— Sim — respondeu Benta. — Está completo. E vou comprá-lo hoje mesmo.

— Não precisa mais — disse Jair, retirando um estôjo do bolso.

Abriu-o, enquanto a abraçava. Era um relógio idêntico ao que Benta desejava, igual ao que ganhara de Aristides. Surpresa e confundida, ela ouviu a voz do marido:

— Tenho tido sorte, últimamente. Está aqui o que você esperou durante dois anos — disse ele, colocando-lhe o relógio no pulso. — Mas... como é? Você não me agradece, não me beija?

E Jair, enlaçando-a, continuou com voz melosa, com a voz especial que empregava quando desejava algo:

— Mas custou muito mais do que você disse, querida. Quase o dobro. Será que você não queria... Será que você não pode me emprestar o dinheiro que guardou? Eu entrei com a metade, você entra com a outra. E' justo, não é mesmo, benzinho?

Araraquara, 9-I-35
Manú,

Embolada (1): Fórmula poético-musical, específica do Nordeste (brasileiro), (em compasso binário rápido), usada (geralmente) pelos solistas nas peças com refrão coral ou dialogadas (como cocos ou desafios).

Os lugares entre parênteses podem ser tirados. Esse é realmente o conceito mais específico da embolada. Nas cidades, Rio, Recife, é comum tomarem o todo pela parte, e chamarem a peça inteira de embolada. O cantor nordestino porém distingue e jamais chamará um coco, samba ou desafio de embolada. A embolada é pra ele a estrofe solista. A fórmula poética varia bastante pra ser definível. Em todo caso, na infinita maioria dos casos consta de quadras ou oitavas (duas quadras) iniciada cada quadra por um hemistiquio livre pentassilábico que não rima, e três redondilhas rimadas 1.ª com 2.ª, a 3.ª rimando com o último verso quando é oitava, ou esperando a quadra seguinte, depois do refrão, pra rimar.

Martelo: Fórmula poético-musical nordestina, geralmente em versos menores que a redondilha, usada nas estrofes dos solistas, especialmente nos desafios.

Vejo que a definição coincide muito com a anterior, mas o que fazer!... Quando chegar em S. Paulo, consultando minha documentação poder caracterizar melhor o martelo, si você puder esperar. Há grande indecisão no conceito do martelo e um exemplo ou definição (sempre da forma poética exclusivamente) me dada por Ascenso Ferrelira briga com outra dada por Cascudo. Qual estará errado? Nenhum, hélas! E' a própria forma que ainda não tem forma fixa, e variando muda de aspecto e de métrica. Na minha viagem colhi pouquíssimos martelos, não me lembro si um ou dois. Essa aliás uma das razões decisórias da minha necessidade de voltar pro Nordeste, no fim deste ano, pra apagar os vazios da "Pancada do Ganzá". Foi pra lá muito ignorante da coisa nordestina e colhi atabalhoadamente o que me davam, sem dirigir inteligentemente a colheita. O que usavam mais abundantemente colhi com abundância, o que usavam mais raro colhi pouco. E em geral, tenho por enquanto colhido documentos e definições em fichas, sem me dar ao trabalho de chegar a uma noção perfeita de certas coisas muito fugidias. Neste caso está o martelo. Mas sei que tenho sobre ele colhido já numerosa de exemplos e definições, em fichas. Mas está tudo em S. Paulo. Si você quiser esperar me avise.

Jongo: Dança cantada rural brasileira, de origem africana, assimilável (geralmente) como fórmula poético-musical e como coreografia ao samba rural.

Uso muito, como você vê, do "geralmente". Mas isso não é

CARTA DE MÁRIO DE ANDRADE A MANUEL BANDEIRA

manha minha não. E' a fatalidade. Nenhuma das nossas danças tem um caráter tão definitivo e exclusivo, que possa dar delas uma definição e um conceito exclusivo. Há jongs (exemplares isolados) que parecem criar uma variedade característica de dança, mas um não combina com o outro! Na generalidade se pode dizer que o jongo é o mesmo que samba. Mas si você disser isso pra um sambista negro ele ficará horrorizado...

Cateretê (Porque você escreveu Cateretê (sic)?): Dança cantada rural brasileira, pelo menos de nome originariamente tupi, mas coreograficamente muito contaminado de processos africanos de dançar.

Lundú: Primitivamente, dança cantada rural de origem africana; atualmente canção solista, com frequência de caráter cômico.

Maxixe: Dança urbana, (brasileira) geralmente instrumental, em compasso de dois-por-quatro rápido, (originária da cidade do Rio de Janeiro).

Acho excelente a definição de Modinha (2) — é isso mesmo. Nos lugares em que pus "fórmula", você poderá substituir esta palavra por "gênero". Serve muito bem e unifica as expressões con-

ceituais do Dicionário, dando a mesma palavra que você usou na definição de Modinha. O martelo é bem uma forma, embora varie como forma dum lugar pra outro. Ao passo que a embolada, varia tanto, que é bem uma fórmula, uma coisa mais vaga que permite realmente muitas formas diferentes. E' realmente um conceito muito psicológico, que abrange genericamente muitas coisas diversas. E' possível também que isto se dê por causa do Brasil, hélas! ser uma coisa completamente... em formação ainda. E' raro um brasileiro designando criação ou qualquer outra coisa humana que tenha conceito perfeitamente fixo.

Quando ao caso do Bicalho, (3) você não tem razão. Realmente as mais severas repressões de Souza da Silveira não me ofenderão minimamente. Pelo contrário me honram muito e as espero com sofreguidão. Mas coíheça a psicologia do Souza da Silveira pelo livro dele, além do que você me tem dito. Não creio nunca por exemplo que o Souza da Silveira seja capaz de me julgar tão desinteligente ou vaidoso, a ponto de me imaginar com pretensões a criar ou sequer fixar a língua literária brasileira. Você esqueceu o tom em que e

Bicalho escreveu os reparos dele. Eram um tom sarcástico de quem não levava a coisa ao sério e era um gato a brincar com uma catita inermes. Ora isso naturalmente me feriu. Há reparos no Bicalho que quasi me fazem de boçal, por implicarem a incapacidade de eu mesmo não os ter feito antes. Está claro isto me fez pensar nos calos. De resto sem diminuir nada o valor do Bicalho, é incontestável que ele não é um Souza da Silveira. Aliás, por exemplo, nestas férias, aqui com o meu tio Pio Lourenço nesta chacra em que Macunaima nasceu, vivemos falando diário no Souza da Silveira. Meu tio, abalardíssimo em português, como creio já contei pra você, venera o Souza da Silveira, tem todas as obras dele em todas as edições, ficha os escritos dele etc. Eu também, você já sabe.

Ora nossas conversas aqui são exclusivamente questões de linguística ou de História Natural. Ou Coryphospingus Cuculator ou epentheses e paragogas. Arte entra raro na dança e nisso não nos entendemos. Em língua aliás não nos entendemos, porém só na questão si se deve atualizar a língua literária brasileira de acordo com a... psicologia linguística da fala brasileira atual

"Mural"

(Conclusão da 8.ª pág.)

do sr. Saldanha Coelho para a caracterização, nem apenas exterior, nem verticalmente psicológica, — pois ele não é um analista, é um sugestivo, não é um escritor preocupado com recriar as motivações íntimas, mas em fixar as suas repercussões, seduzido pela projeção do sentimento. E está, para mim, exatamente num certo cumulo de imprecisão sugestiva, a falta de substância, ou melhor a inconsciência humana de contos como "A bailarina", "Sonata", "Branca"; por é, em compensação, o frêmito poético que eles nos comunicam. Aquela deficiência como esta qualidade não serão porventura outras tantas afinidades com o impressionismo?

E' tempo de se desfazer o equívoco da palavra com que,

de início, qualificamos "Mural". Por aventura entenda-se a mensagem, nem sempre traduzida com perfeição, do escritor inconformista, que procura discrepar dos processos correntes e propôr aos problemas humanos da literatura soluções que poderão parecer estranhas, mas que são próprias e revelam uma personalidade original. O livro do sr. Saldanha Coelho é desses que perturbam porque se adivinha nele uma força incógnita. Estes comentários, divergentes às vezes com o estilo e a concepção do autor de "Mural", terão cumprido a sua finalidade se deixarem claramente entrever a posição destacada em que o seu livro vem colocado entre os maiores contistas das últimas gerações. Não tenho dúvida tratar-se, não de uma promessa, mas de um contista que se realiza em poten-

cial e que representa, com todas as suas virtudes e defeitos, uma séria incitação à crítica. Não é simples estreante quem, como ele, se mostra literariamente tão amadurecido. E' tal a impressão de superioridade que me deixa o rigor da sua escrita e da sua estrutura, que não seria demais observar que existe, em mais um exemplo, certa desproporção entre a forma e o conteúdo. Quando o sr. Saldanha Coelho tiver avançado em experiência, e sobretudo quando quiser aproveitá-la na mesma medida do que já obteve como realização literária, está certo que, qualquer que seja a nossa opinião, ele se tornará um contista perfeito, desde agora francamente inclinado para a sugestão trágica e para um estilo de variadas e intensas ressonâncias intelectuais.

(aliás hoje, antes de receber a carta de você, comentamos muito o seu artigo sobre questão ortográfica e meu tio, que é um velho aliás admirável, escreveu sem mais aquela um cartão de aplauso a você, de-certo já recebido, não? Responda pra ele agradecendo, um cartãozinho. Era um desses velhos de outra geração, que não entendem nada da nossa arte, mas entendem muito de outras coisas, bicalhos que você como eu gostamos de cultivar. De-fato eles nos fazem um bem enorme. São sempre, junto da gente, um relógio de senso-comum e bom-senso, que repõe o possível da nossa paixão a tempo e na hora). Não se esqueça portanto de pegar no telefone aí a sua esquerda e falar (que tal?) pro Souza da Silveira dizendo que tudo o que me vier dele me será grato.

E basta que estas férias diz que não é pra eu fazer nada. Qual descobri um livro de vulgarização do Wells, The Science of Life, que é uma coisa magnífica. O tio é que o tem. E estou montando na Revista Lusitana os números não lidos, fichas e mais fichas... O Portinari me deu um dos melhores desenhos. Aliás quis até que eu escolhesse um quadro, mas preferi desenho. Quadro não posso colecionar, desenho não dá e desenho (que é a minha paixão mesmo em pintura) posso e tenho umas duas centenas, por aí. Aliás quando eu for no Rio, comentaremos as críticas que ele teve aqui.

Ciao, com um grande abraço,
Mário.

1. Mário responde nesta carta às consultas que lhe fiz sobre a definição de termos da música brasileira para os respectivos verbetes do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Todas as suas definições foram introduzidas por mim no dicionário e mantidas nas edições seguintes.
2. "Modinha: (Bras.) outrora, gênero de romance de salão, em vernáculo; hoje, gênero de cantiga popular urbana".
3. Bicalho: Honório Bicalho, (1886-1930) — filho de Francisco de Paula Bicalho e sobrinho do grande engenheiro de igual nome. Não obstante ser paraltico das pernas, fez o curso de Direito no Rio de Janeiro e exerceu o cargo de contador-partidor em Juiz de Fora. Grande inteligência e curioso de todas as atividades do espírito, cultivou as letras, escrevendo contos, que nunca reuniu em livro, uma novela de caráter autobiográfico intitulada Na Vida (Rio de Janeiro, 1918, Tip. do Jornal de Comércio), e artigos para a imprensa, especialmente para o Correio de Minas, de Juiz de Fora, do qual foi assíduo colaborador. Literariamente usava pseudônimo Rufino Fialho.

NO PETIT TRIANON

DIOGENES LAERCIO

Circulou, há dias, misteriosamente, na Academia, um soneto anônimo, cujo autor não foi possível identificar. Atribuído ora a Luis Edmundo, ora a Múcio Leão, o soneto fixava, com muito senso de humor, a situação dos acadêmicos que recebeu o "jeton" e não assistem às sessões... É um curioso flagrante da vida íntima do Petit Trianon. Mas quem o terá escrito, ninguém sabe ao certo. É uma espécie de soneto d'Arvers da Academia — diz assim:

SOLILOQUIO DE IMORTAL

Ainda hoje — o livro do Machado abrindo, stuto pulsar, medroso, o coração, por ver que os meus colegas vão partindo, cada qual embolsando o seu jetão!

Chegam, de passos lèpidos, ao ver o Almeida de enve-lope à mão, mas... disfarçam depois, e evitendo o recinto da sessão...

Outros, fazendo esforço extraordinário, vão subindo, à procura do Cesário, para o chá com torradas, que ele faz...

Imagino o velho Alves, fúribundo, no seu balcão de nuvens, do outro mundo, — Xingando, como um doutor, os imortais!

PREMIOS ACADEMICOS DE 1950

Foi uma bonita sessão, a do dia 29. Sala cheia e elegante. Jornalistas, homens de letras, senhoras de alta sociedade. O Presidente, abrindo a sessão, fez um pequeno e sóbrio discurs-



Flagrante tirado na Academia Brasileira de Letras, durante a solenidade de entrega dos prêmios literários de 1951, aparecendo, da esquerda para a direita, os seguintes escritores premiados: Odorico Pires Pinto, Hildebrando Accioly, Herbert Parentes Fortes, Pedro Bloch, Maria Wanderley Menezes, Suzana de Campos, Almeida Fischer e Padre Augusto Magno. Apa rece na segunda fila, entre Odorico Pires Pinto e Hildebrando Accioly, o romancista Paulo Dantas, que conquistou o Prêmio Coelho Neto.

so. Falou depois sobre os prêmios e os premiados o sr. Múcio Leão. Em nome dos laureados, falou o Padre Magne. E cometeu um equívoco: atribuiu a concessão do seu prêmio e do que foi concedido ao padre Leonel Franca — dois atos de justiça da Academia — à intenção de homenagear, nêles, a Companhia de Jesus. Ora, a Academia não homenageia institui-

ções — mas obras literárias. E a Companhia de Jesus, que nos consta, não é autora de nenhuma obra literária. A homenagem da Academia, portanto, levou endereço certo e intransferível: ela premiou o Padre Franca e Padre Magne, não por serem da Companhia de Jesus, mas por serem autores, ambos, de obras de alto valor cultural. Ets tudo.

O ELOGIO DO NEGRO AFRICANO

A Academia recebeu, há dias, a visita de D. Sebastião Rezende, bispo de Moçambique. O antistite português é um grande orador sacro e foi saudado pelo sr. Gustavo Barroso. Respondendo, fez o elogio da cultura africana e do negro d'África, cuja inteligência e sensibilidade exaltou. E por fim confes-

sou que, quando menino, nas escolas de Lisboa, estudava nos livros do sr. Gustavo Barroso. Esclarecimento oportuno: D. Sebastião Rezende é homem ainda moço, devendo ter cerca de quarenta anos. Os acadêmicos, inclusive o sr. Ataúlfo de Fajva, tomaram nota da utilíssima informação...

CONFERENCIAS

No ciclo de conferência do Ministério da Educação e Saúde — inaugurado pelo sr. Olegário Mariano — vão falar ainda dois acadêmicos: o sr. João Neves da Fontoura e o sr. Levi Carneiro.

ITINERARIO DA PARSARGADA

O sr. Manoel Bandeira está publicando, no "Jornal de Letras", alguns capítulos das suas memórias. Já saíram assim a lume os dois capítulos iniciais do "Itinerário da Parsargada".

ISABEL, A CATOLICA

A Academia vai associar-se às comemorações de 500.º aniversário de Isabel, a católica, que passa este ano. Haverá sessão pública, na qual falará o sr. Gustavo Barroso.

REGRESSO DE RODRIGO OTAVIO FILHO

Deve regressar da Europa este mês o acadêmico Rodrigo Otávio Filho, que ali se acha há três meses.

ACORDO ORTOGRAFICO

Embora com todos os pareceres favoráveis, o Acordo Ortográfico não conseguiu chegar ao plenário na Câmara, em vista da medida proclamatória proposta pelo acadêmico Menotti del Picchia, que pediu audiência de mais uma Comissão sobre o assunto.

REVISTA PAN-AMERICANA DE CULTURA

O sr. Alceu Amoroso Lima, que chefiava atualmente o Departamento Cultural da Organização Pan-Americana de Washington, está preparando a publicação de uma grande revista americana de cultura.

A INCURSÃO PERENE

JORGE DE LIMA

CONHECI Décio Pignatari em companhia do "Auto do Possesso". O seu pequeno livro de estréia lê-se em meia hora, bem lido, porém voltamos a ele, várias vezes para rereer "Périplo de Agosto a Agua e Sal", o "Jogral" e a "Prostituta Negra", enfim, o livro todo.

Já num Congresso de Filósofos católicos, realizado em Roma, para debater o problema do Existencialismo, o grande Jacques Maritain assumiu a mais corajosa e compreensiva das posições. Enquanto outros pensadores católicos, leigos ou eclesiásticos, vêem no momento existencialista ora uma espécie de Confederação Mundial de exibicionistas e obcecos, ora uma escola meramente literária, o pensador de Meudon considerou o fenômeno com mais profundidade: não lhe negou, em absoluto, foros de cidadania filosófica.

Não conhecemos, senão através de curtas citações, a contribuição do notável néo-tomista ao Congresso de Roma e esperamos, com a natural ansiedade de modesto discípulo, a sua publicação, já anunciada para breve. Mas, em seu último livro, "Raison et Raisons", contendo uma espécie de ensaios esparsos, reunidos pelo seu devotado amigo, o padre Charles Jourant, há, em vários estudos sobre o pensamento filosófico contemporâneo, afirmações de primeira água sobre a obra e a ação de Husserl, Heidegger, Gabriel Marcel, Paul Sartre e Camus.

Assim o ensaio sobre os atuais problemas relativos à evolução do conhecimento humano, Maritain analisa propriamente a metafísica do Existencialismo; esmiúça, à luz dos princípios tomistas, o grande malentendido existencialista: pretender que o conceito do ser apenas se limite à linha da existência, menosprezando de todo a das essências, e à custa de lutar pela sua atualidade, esquecer que é para o metafísico antes de tudo uma abstração e assim, de inconsequência em inconsequência, o Existencialismo chega

à própria negação da idéia do ser. Porém, como a inteligência foi feita para o ser, da mesma forma que o peixe para a água, o filósofo existencialista percebe a sua grande tragédia: a angustiada afirmação que decorre sob o primado absolutista do existir, sob a tirania da existência.

Por isso Maritain assume, em face do movimento existencialista, uma atitude não apenas francamente simpática, mas de repulsa à atitude dos católicos que lhe pretendem obstar consentimento no sentido de permitir aos filósofos néo-tomistas uma nova e mais fecunda apresentação de problemas cruciais do sistema tomista. Respondendo ao artigo do

filósofo pragmatista norte-americano Wilmon Sheldon, publicado na revista "The Modern Schoolman" (janeiro de 1944), sobre a necessidade de maior cooperação e justiça intelectual entre os filósofos contemporâneos das diversas escolas, o representante francês do pensamento néo-tomista insiste em que seja estendida a mão aos demais filósofos para melhor entendimento de seus problemas de pensamento e de ação; e, entre aqueles, os filósofos existencialistas.

Não se trata, é evidente, de abdicar dos princípios néo-tomistas, no caso de Maritain, dos princípios de filosofia pragmatista, no caso de Sheldon, ou da filosofia

existencialista, no caso de Gabriel Marcel ou de Sartre; mas unicamente de melhor compreensão dos problemas, para que sejam possíveis encontros dos diversos sistemas filosóficos em tentativa de mútua compreensão, esforçando-se os seus pensadores para encerrar com justiça intelectual as teorias de seus muitas vezes apenas aparentemente adversários, em uma ou outra questão.

Jacques Maritain, como o jesuita francês Danielou, não nega que o estudo dos problemas cruciais do Existencialismo é uma fonte de fecundas elaborações para o pensamento néo-tomista. E pretende mesmo conduzir para este ponto algumas de suas próximas

elocubrações filosóficas. Pelo que nos anuncia em "Raison et Raisons", muito temos a esperar de sua próxima obra sobre o pensamento existencialista, na qual ampliará as comunicações feitas no Congresso de Roma, em 1944.

Para a inteligência, para o amor, para uma realização imediata do ser, entre outras presenças, propõe-se o Existencialismo. E nesse ponto seria proveitoso ouvir-se a palavra sempre sábia de P. Henri Simon em "Destins de la Personne": Esse ideal de uma cultura que se propõe, seja qual for o meio, tornar o homem mais inteligente e mais realizado, este "réplâtre" e esta ampliação do velho espírito das humanidades, é a própria negação do conceito perfeito de humanidade. A inteligência, "cette petite chose qui se meut à l'extérieur de nous-mêmes", a inteligência que analisa, diseca e decompõe, guia certa seria se não fosse o pecado mortal do racionalismo burguês centrando sobre si tudo o que se convencionou chamar de vida e cultura.

x x x

O século dezenove preparou entre outros, para os tempos que se iniciam, dois acontecimentos importantes ao poeta; no plano material — a extinção da ordem burguesa, do imperialismo, o despojamento do supérfluo de que o espírito eminentemente revoltado do poeta é o maior antagonista; na ordem espiritual assisteu ao reforço litúrgico, fenômeno coletivo e social num outro plano e que veio, por sua vez, destruir essa feição burocrática, essa modorra e chancelaria espiritual a que espíritos muito terrenos haviam reduzido a Igreja.

A Igreja estava sêca, administrativa, ameaçada de estelose, diz Romano Guardini no seu grande livro "L'Esprit de la Liturgie". A arte sacra entrara em franca decadência; e por culpa da própria Igreja os verdadeiros artistas se afastaram cautelosamente d'Ela como de um campo estéril. Um mau gosto flagrante apoderara-se de quase tudo: templos, altares, música, vestuário sacro.

Contribuição da França para a civilização

(Conclusão da 4.ª pág.)
cular, tão diferente das sociedades vizinhas da Espanha ou da Itália, da Alemanha ou da Inglaterra, que produziu as obras de que se trata no livro. Mesmo se algumas delas se ergueram violentamente contra o meio social de que saíram, apesar de tudo ficaram marcadas por ele. No conjunto que a civilização humana constitui, assim se formou uma civilização francesa, cujas relações com as outras civilizações, vizinhas ou distantes, constituíam todo o interesse dessa história.

Sou, pois, obrigado a dizer, em conclusão, que o livro do sr. Louis Philippe May é um livro falhado. Mas há certos

fracassos que fazem honra aos que tiveram a coragem de se expor a eles deliberadamente. E, apesar de tudo, há a quantidade de coisas ignoradas até pelos especialistas que, por isso que vêem eles apenas sua especialidade, se descuidam voluntariamente do resto. Da sua aproximação, do seu choque surge uma certa claridade. Cada um de nós pode se distrair, depois de ter lido este livro, reescrevendo-o como desejaria que ele tivesse sido escrito. Devemos agradecer e felicitar o sr. Louis-Philippe May por nos ter convidado a este exercício. E refletindo sobre a obra da França que poderemos avaliar-lhe as propeções. Há sem dúvida tantas

Franças quantas consciências para pensar e refletir nelas. Cada uma delas é verdadeira, de uma verdade parcial. Ao invés de impor-nos sua própria visão das coisas, o autor preferiu deixar-nos a nossa, e foi isto que me fez dizer, no começo, que este homem audacioso é, ao mesmo tempo, um modesto. Eu lhe sou grato por me haver ensinado muito e estou persuadido que não haverá um único leitor que não lhe reserve um igual reconhecimento, uma vez que tenha vencido algumas irritações inevitáveis. Gostariamos de ter algumas respostas não-francesas a este quadro traçado por um francês.

O PENSAMENTO DOS ARTISTAS

NICOLAS POUSSIN

(1665)



Nicolas Poussin — Desenho de SANTA ROSA

NICOLAS POUSSIN, pintor de história, paisagista, decorador e retratista, foi o maior pintor francês do século XVII tendo influenciado inúmeros outros artistas como David, Delacroix, Gericault, Corot, Millet e Cézanne.

Poussin viveu a maior parte da sua vida na Itália onde era conhecido e honrado tanto quanto na sua pátria. Sua obra imortal exerceu uma influência decisiva na Academia que jamais lhe compreendeu o sentido e o espírito.

Artista tipicamente francês, serviu-se do passado tão só como um estimulante, como um meio de unir a natureza e o conceito de vida da sua época a uma concepção antiga de beleza. Seu estilo tem por base a pureza do desenho, a beleza das composições arquitetônicas e a criação de formas sólidas e esculturais. E' com isto que ele concebe um tipo de beleza ideal que nos dá não o real da natureza, mas a sua essência.

O que escreveu sobre estética, porém, nem sempre é o que de melhor ele nos pôde dar. E' antes um apinhado de preceitos e de sentenças tiradas, um tanto arbitrariamente, de livros italianos do século XVI.

F. de A.

CARTA A CHANTELOU

Roma, 21 de dezembro de 1641.

... Não é necessário dizer-me que foi o passado que vos fez mais prudente, porque prudente sempre fostes. O fato é que tivestes tempo de refletir. E' verdade que estais numa escola onde se aprende a ser sábio. Tendes na vossa frente um grande livro aberto no qual se vê, como num teatro, a ação dos personagens. Mas há um prazer enorme em sair-se, por vezes, de perto do palco para se apreciar de longe, como um desconhecido, o gesto dos atores.

SÔBRE O "TRATADO DA PINTURA" DE LEONARDO DA VINCI

... Tudo o que há de bom nesse livro pode ser resumido numa só página escrita com letras grandes; e aqueles que crêm que eu aprovo tudo o que há nele, não me conhecem bem.

TESTAMENTO INTELLECTUAL DE POUSSIN

... depois de haver considerado a divisão que faz M. François Julius das partes componentes da pintura, ousei colocar aqui, brevemente, o que sei sobre elas.

Primeiro é necessário saber-se que espécie de imitação emprega a pintura e defini-la.

Definição.

E' uma imitação feita com linhas e cores sobre uma superfície qualquer, de tudo que existe sob o sol, seu fim é deleitar.

Princípios que todo o homem capaz de raciocinar pode aprender.

Nada é visível sem luz, sem meio transparente, sem termo, sem côr, sem distância, sem instrumento.

SÔBRE A MATÉRIA QUE SERVE DE MODELO

Para dar lugar ao pintor de mostrar seu espírito e Indústria, é necessário que a matéria seja capaz de receber a forma da maneira mais perfeita possível. E' necessário que se comece primeiro pela disposição dos diversos elementos, depois pelo ornamento, depois do que virá o decorado, a beleza, a graça, a vivacidade, o costume, a verossimilhança e o julgamento. Estas últimas partes pertencem unicamente ao pintor e não se pode aprendê-las sem o ser.